EUROPA EM CRISE

A VOZ DA MÍDIA CIDADÃ

ARTIGOS PUBLICADOS NO GLOBAL VOICES (2011-2012)

Europa em Crise

A voz da mídia cidadã
Artigos publicados no Global Voices (2011-2012)

Índice

Introdução

Desde Dezembro de 2007, uma recessão tem abalado a economia mundial juntamente com estruturas nacionais, políticas e sociais. Esta recessão global teve uma queda particularmente acentuada em Setembro de 2008, em especial no mercado dos Estados Unidos, onde a taxa de desemprego mantém-se elevada e os níveis de confiança no consumo em baixa, com os valores das propriedades imobiliárias em declínio contínuo e um aumento das hipotecas e das insolvências pessoais, e com uma ascendente crise da dívida pública, inflação e aumento do preço do petróleo e dos alimentos. Entre outros, um relatório lançado pela Bloomberg em 2009 afirma que 14.5 biliões de dólares americanos (ou 33%) do valor das companhias globais foram eliminados desde que começou a crise.

Como era esperado, a recessão expandiu-se à maioria dos países europeus reflectindo a séria ameaça que a crise financeira global representa em relação à estabilidade internacional. Até Setembro de 2008, as medidas políticas europeias limitavam-se a um pequeno número de países (Grécia, Espanha e Itália), à medida que a Comissão Europeia preparava um plano de estímulo de 200 mil milhões de euros a ser implementado a nível europeu por cada país. Em Novembro de 2008, os países do G20 reuniram numa cimeira que tomou lugar em Washington para tratar o tema da crise económica. Seguiu-se outra cimeira do G20 em Londres em Abril de 2009. Apesar de várias medidas de intervenção implementadas em Outubro de 2011 e Fevereiro de 2012, vários países da União Europeia continuam sem capacidade para financiar a dívida dos seus governos sem a assistência de terceiros.

Agora a Europa está a entrar numa fase de crescimento lento enquanto procura ajustar-se ao que muitos consideram ser uma dívida insustentável. De forma a apoiar a transição mantendo a união da Eurozona, líderes dos países europeus prepararam um pacote tripartido para “salvar” a Grécia, o país na situação mais grave, ao mesmo tempo que os bancos são recapitalizados e que são activados mecanismos de estabilidade para os países com problemas. No entanto as últimas notícias para grande parte dos 17 países membros da Eurozona não têm sido nada positivas no que diz respeito a estas medidas. Hoje, até a estabilidade da moeda está em risco e o descontentamento social está em escalada em toda a Europa – particularmente nas ruas das cidades gregas e espanholas.

Enquanto que os principais meios de comunicação, os políticos e os especialistas propõem determinados pontos de vista e investigam possíveis soluções, os cidadãos dos países nos quais os acordos de resgate são impostos têm dado voz às suas frustações reprimidas. Muitos protestos que tomaram lugar por toda a Europa em 2011 tornaram-se na evidência do descontentamento generalizado com a forma como se está a lidar com a dita crise económica. Com a utilização disseminada da Internet, as redes sociais e as plataformas de jornalismo cidadão estão a tornar-se no palco central para quem tenta encontrar um sentido para o futuro que aguarda a Eurozona.

Mais precisamente desde o surgimento do movimento de acampadas e indignados em Espanha e na Grécia em Maio de 2011, as histórias digitais têm cada vez mais conquistado novos territórios para quem se move pela urgência de não deixar silenciar as histórias do dia a dia sob a crise económica na Europa.

A cobertura especial do Global Voices Online sobre a Europa em Crise, lançada na Primavera de 2011, pretende dar voz às pessoas comuns que têm de viver com as consequências sociais, políticas e económicas dos resgates financeiros na Europa. Temos feito a cobertura - e continuaremos - principalmente sobre a Grécia, Espanha, Portugal e Itália, mas também de outros países europeus afectados pela crise da banca e do Euro através da lente dos meios de participação online. Até Julho de 2012, a nossa equipa dedicada de cerca de 80 voluntários produziu mais de 80 artigos em inglês, a maioria dos quais foi traduzida para várias outras línguas. Este e-book apresenta apenas uma pequena selecção de artigos, mas cobre a maioria dos países da UE e deve ser visto como uma ferramenta flexível para que a disseminação e os debates sobre estes assuntos correntes continuem.

Enquanto que a mídia mainstream destaca mais frequentemente os poderes instituídos e as fraquezas da UE, a nossa cobertura pretende nutrir solidariedade e compreensão entre os países da Europa. O nosso objectivo é capturar a amplitude da reflexão e debate provocados pelos resgates europeus, mostrando novas ideias e respostas alternativas. Através da tradução e do nosso trabalho de equipa internacional, a curadoria que é feita pelo Global Voices nesta cobertura de mídia cidadã Europa em Crise espera ajudar a construir pontes de entendimento entre cidadãos, representantes da mídia internacional, activistas, académicos e jovens das nações afectadas pela crise económica hoje e amanhã. Inclusivamente fazendo ligações mais alargadas a outras regiões, como alguns países de África.

O enfoque dado mostra que as pessoas que tiram partido da mídia cidadã, indo além do mero uso enquanto megafone para reflexões individuais online, naturalmente envolvem-se em processos pioneiros de criação colectiva. Ferramentas móveis e online têm trazido também um novo ímpeto à reutilização de informação por parte dos cidadãos de qualquer idade e à experimentação laboratorial de práticas de democracia “Faz-Tu-Mesmo”.

Procurando uma mais alargada disseminação destas vozes e de forma a criar algum tipo de memória histórica, o presente e-book de estreia do Global Voices, Europa em Crise, proporciona uma colecção do melhor que tem surgido na riqueza do debate, participação e mobilização social online, com o impulso de cidadãos que atravessam os tempos difíceis da austeridade no Velho Continente e além. Esperemos para ver no que isto se converte.

A equipa editorial “Europa em Crise” do GV

O que fazemos: O Global Voices Online é uma organização sem fins lucrativos e uma comunidade com mais de 700 blogueiros de todo o mundo que reportam sobre a utilização que os cidadãos e cidadãs fazem da Internet e das redes sociais para fazerem as suas vozes ouvidas.

Autores e tradutores voluntários trabalham em conjunto para amplificarem o diálogo na rede e assim reunirem diferentes comunidades de blogueiros ultrapassando barreiras linguísticas e culturais. O Global Voices recebe cerca de 500.000 visitas por mês nos seus websites em mais de 20 idiomas (visita o nosso Projecto Lingua).

O Global Voices foi fundado no início de 2005 no Berkman Center da Universidade de Harvard e depende de bolsas, patrocínios, trabalhos comissionados, e donativos para cobrir os seus gastos.

A nossa equipa internacional de autores voluntários e editores part-time participa activamente nos espaços online que procuram compensar algumas das lacunas de atenção nos meios de comunicação e que impulsionam o poder da mídia cidadã.

Acreditamos na liberdade de expressão e na redução dos abismos que separam as pessoas, as culturas e as línguas.

Ainda que por princípio nos concentremos mais nos países e assuntos que não se relacionam com o Ocidente, ultimamente a nossa cobertura online também tem gerado interesse em vários países europeus. Publicamos artigos em inglês que remetem às línguas do país retratado, e posteriormente fazemos tradução para muitos outros idiomas, incluindo francês, espanhol, português, grego, catalão e outros.

Para veres as actualizações e notícias mais recentes sobre a Europa em Crise, visita a nossa página de cobertura especial, segue-nos no Twitter @GVEuropeCrisis e/ou subscreve as nossas fontes RSS.

Para comentários, debates e outros recursos, visita a nossa página dedicada dentro do website Global Voices Books.

Em seguida estão listados todos os autores e tradutores que contribuíram para os artigos seleccionados neste e-book. Para veres uma lista mais completa de todos os colaboradores do GV envolvidos de diversas formas na cobertura Europa em Crise, visita a nossa página de cobertura especial.

Adriana Gutiérrez, Agnieszka Malinowska, Alba Galvez, Aleksandra Kling, Alena Lakova, Alexia Kalaitzi, Ana Vasquez, Antonella Grati, Ardjana Vogli, Ariane Defreine, Asteris Masouras, Avylavitra, Azucena Ramos, Blanca Barredo, Bijoy, Candy, Chris Moya, Claire Ulrich, Cristy Gomez, Davido, Dijana Djurickovic, Dorota Goczal, Evan Fleischer, FTSK, Gabriela Garcia Calderon Orbe, Gabriella Lillsunde, Giulia Jannelli, Haytham Abo Domaideh, Hsu-Lei Lee, Iryna Natalushko, Kaori Nagatomo, Katrin Zinoun, Katya Churkina, Kristina G. Ilieva, Janet Gunter, Leila Nachawati Rego, Leonard Chien, Louise Ohlsén, Lova Rakotomalala, Luca Di Maio, maj_da_, Maja Veldt-Poklepovic, Manuela Visintin, Maria Lelyuk, Maria Sidiropoulou, Marianna Breytman, Mariateresa Varbaro, Mario Sorgalla, Melina Helm, Michelle Winther, Monika Lewandowska, Natalya Renegar, Neus Adrian Pons, Nicole Schaupke, Nirinandrea, Pantha, Paola D'Orazio, Paula Góes, Percy Balemans, Rayna St, Reza Nahaboo, Samantha Deman, Sanne Greve, Sara Moreira, Sara Sg, Stanislas Jourdan, Stratos Moraitis, Susanna Valle, Suzanne Lehn, Tina Campling, Veroniki Krikoni, Vivienne Griffiths, Yasuyuki Hoshiba, Yhlin, Ylenia Gostoli, Victoria K.Kitanovska, Rania_k.

Sara Moreira traduziu a introdução e outras partes deste e-book. O e-book junta sotaque português (nas traduções de Sara Moreira e Ana Vasquez) com brasileiro (nas traduções feitas por Debora Baldelli, João Miguel Lima e Paula Góes).

Afrosfera Comenta a Crise Financeira na Grécia e o Papel do FMI

Os desafios que a economia grega enfrenta e a intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI) para ajudar a aguentar os danos da queda soam familiares a muitos blogueiros africanos, que contam histórias advertindo para as experiências passadas e dão lições que deviam ser aprendidas para as suas próprias regiões.
Escrito por Lova Rakotomalala (15/05/2010), traduzido por Sara Moreira.

Os desafios que a economia grega enfrenta e a intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI) para ajudar a aguentar os danos da queda soam familiares a muitos blogueiros africanos. Em crises anteriores, o FMI esteve envolvido na criação de propostas de ajustes estruturais para as economias africanas que se encontravam em apuros, e que levaram a resultados distintos.

As reacções dos blogueiros africanos vão desde histórias de advertência com base em experiências passadas até lições que deviam ser aprendidas para as suas próprias regiões.

Le petit nègre observa a relutância da Europa em pedir ao FMI que intervenha durante a crise grega. Ele questiona-se porque é que pedir ajuda ao FMI é uma decisão tão difícil para um país europeu, quando parecia ser algo tão comum de acontecer há não muito tempo em África. Eis o que ele pensa sobre os receios dos países europeus quanto a um resgate do FMI à Grécia:

> Le twist dans le cas grec et que, comme on ne peux pas dévaluer l'Euro comme on a jadis dévalué le Franc CFA, les dirigeants européens se retrouvent contraints et forcés d'aider d'une manière ou d'une autre la Grèce.

> No caso da Grécia, a questão é que como não se pode desvalorizar o euro da mesma forma que já se fez com o franco CFA (Comunidade Financeira Africana), os dirigentes europeus vêem-se encostados à parede e obrigados a ajudar a Grécia de uma forma ou de outra.

Da mesma forma, *Lambert Mbela* também defende que dado o nível actual dos défices em muitos países europeus para além da Grécia, deve ser considerada uma desvalorização substancial para o euro:

> Admettons quand même que les situations sont similaires : déficit budgétaire, endettement public, taux de chômage élevé, balance commerciale déficitaire, mauvaise gestion des finances publiques, avec comme cerise sur le gâteau, fricotage des données publiques !!!
> Sérieux, si c'avait été le Mexique, l'Argentine ou le Burkina-Faso qui présentait de tels manquements, Monseigneur FMI préconiserait déjà une dévaluation « compétitive » et des programmes d'ajustement structurel afin de rétablir les finances publiques.

> Admitamos pelo menos que as situações são semelhantes: défice no orçamento, dívida pública, desemprego elevado, balanço comercial negativo, má gestão das contas públicas, e a cereja em cima do bolo, manipulação dos dados públicos!!
> A sério, se isto fosse no México, Argentina ou Burkina-Faso, o Senhor FMI já teria passado a prescrição da desvalorização "competitiva" e dos programas de ajuste estrutural a fim de restabelecer as finanças públicas.

Éric Toussaint explica que a aparente diferenciação pelo FMI nas suas intervenções de acordo com regiões pode ser consequência directa do facto de os países do sul não terem mais palavra nos processos de decisão da organização:

> L'Afrique subsaharienne occupe une place égale à la France alors qu'elle compte 10 fois plus d'habitants. L'Afrique au Sud du Sahara ne dispose que de deux membres au sein du Conseil d'administration du FMI et ces deux membres doivent exprimer le point de vue de 48 pays [..] Vous imaginez la difficulté des 48 pays africains à se faire entendre si seuls 2 administrateurs les représentent.

> Apesar da região da África Sub-Sahariana ter 10 vezes o número de habitantes de França, ambas têm o mesmo peso dentro do FMI. A região só tem dois representantes no Conselho de Administração do FMI e esses dois membros é que devem exprimir o ponto de vista de 48 países [..] Já se imagina a dificuldade que estes 48 países têm em fazerem-se ouvir quando só têm dois representantes.

Mapa dos votos do FMI por território em 2006 por World Mapper com licença Creative Commons.

Musengeshi Katata no Forum Realisance analisa os motivos que terão levado a crise grega a passar despercebida por tanto tempo.

Apesar de o FMI ter publicado recentemente um relatório optimista sobre o estado da região sub-sahariana, muitos ainda estão cépticos porque a ênfase é dada ao crescimento económico, deixando muitas questões por discutir.

Para finalizar, Paul Bara da AfriqueRedaction está pessimista quanto a uma solução sustentável para a crise global:

> Notre modèle de croissance basé, sur la séquence : crédit - consommation - dette, est obsolète. En second lieu parce que les systèmes politiques et les gouvernements semblent incapables de jeter les bases d'un nouveau modèle de développement [..] Un Krach parait donc inévitable en 2010 puisque comme l'explique Kenneth Rogoff, la défaillance d'un état (ou de plusieurs) paraît inévitable : se posera alors de manière aiguë le problème d'un modèle de croissance totalement inadapté (crise systémique).

O nosso modelo de crescimento actual baseado na sequência: crédito - consumo - dívida está obsoleto. Em segundo lugar, porque os sistemas políticos e os governos parecem ser incapazes de criar as bases de um novo modelo de desenvolvimento [...] Um crash em 2010 parece inevitável pois, como explica Kenneth Rogoff, mais uma falência de estado (ou várias) parece inevitável: surge assim de forma aguda o problema de um modelo de crescimento totalmente desadequado (crise sistémica).

Portugal: Parva e à Rasca - Geração Mobilizada

Estão abertas as hostes: dia 12 de Março a "Geração à Rasca" sai às ruas de várias cidades aquém e além fronteiras, em protesto pelos 23% de jovens no desemprego e pelas centenas de milhares subempregados ou em situações laborais precárias. Com hino e inconformismo, será parva a Geração?
Escrito por Ana Vasquez (11/03/2011).

Estão abertas as hostes. Dia 12 de Março de 2011, em várias cidades do país e junto às representações portuguesas em vários pontos da União Europeia, os jovens saem às ruas. O Protesto da Geração à Rasca é, segundo a organização, um "protesto apartidário, laico e pacífico, que pretende reforçar a democracia participativa no país". Surgiu como evento espontâneo no Facebook e, em menos de um mês, acolheu mais de 50.000 intenções de participação:

> Nós, desempregados, "quinhentoseuristas" e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes, mães, pais e filhos de Portugal.
> Protestamos:
> - Pelo direito ao emprego! Pelo direito à educação!
> - Pela… melhoria das condições de trabalho e o fim da precariedade!
> - Pelo reconhecimento das qualificações, competência e experiência, espelhado em salários e contratos dignos!

Nós, desempregados, "quinhentoseuristas" e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes, mães, pais e filhos de Portugal. Protestamos:
- Pelo direito ao emprego! Pelo direito à educação!
- Pela melhoria das condições de trabalho e o fim da precariedade!
- Pelo reconhecimento das qualificações, competência e experiência, espelhado em salários e contratos dignos!

Sub-emprego em contexto

Em Dezembro de 2010, a emissora TSF Rádio Notícias divulgou um conjunto de dados fornecidos pelo INE (Instituto Nacional de Estatística) que indicava "que mais de 300 mil jovens portugueses não têm qualquer actividade". No seu website, a mesma emissora dizia, a 24 de Fevereiro deste ano que "23 por cento dos jovens estão no desemprego, 720 mil tem contratos a termo, e há ainda registo de um aumento de 14 por cento de recibos verdes nos últimos três meses".

No blog *Epígrafe*, Ricardo Salabert, do *Movimento FERVE* (Fartos d'Estes Recibos Verdes), explica este tipo de vínculo ao mercado de trabalho:

> Os recibos verdes são um modelo de facturação aplicável aos trabalhadores independentes, i.e., às pessoas que prestam serviços ocasionais para entidades várias (empresas ou particulares). São exemplo disso os médicos, os arquitectos (entre outros) que podem passar recibos verdes aos seus clientes, não tendo de se estabelecer como empresa.

Os recibos verdes são um modelo de facturação aplicável aos trabalhadores independentes, i.e., às pessoas que prestam serviços ocasionais para entidades várias (empresas ou particulares). São exemplo disso os médicos, os arquitectos (entre outros) que podem passar recibos verdes aos seus clientes, não tendo de se estabelecer como empresa.

Cresce assim a fatia dos trabalhadores que não têm qualquer tipo de protecção social (na doença, na gravidez, na morte de familiares), sem direito a férias ou a outros tipos de subsídio, e que podem ser dispensados pela entidade patronal a qualquer momento, uma vez que, por lei, não têm vínculo à empresa. São dezenas de milhares de Portugueses, de todas as gerações, com o estatuto de "falsos recibos-verdes", a prestar serviços a empresas com as mesmas condições de um suposto Contrato de Trabalho, conforme dispostas no Código do Trabalho (artigo 12), que os mantém "precários".

Música: combustível para a acção

Há quem lhes chame a *Geração Nem-Nem*, como explica Rui Rocha, no blog *Delito de Opinião*:

> Nem estudam, nem trabalham. (…) Tipicamente, esta é uma geração potencialmente melhor preparada do que as que a precederam e, aparentemente, muito segura de si. São, todavia, presa fácil da degradação do mercado laboral e não conseguem encontrar uma saída airosa, nem combater este estado de coisas. Os sociólogos identificam uma característica muito comum neste grupo: a inexistência de qualquer projecto de vida. As manifestações mais evidentes são a apatia e a indolência.

> Nem estudam, nem trabalham. (...) Tipicamente, esta é uma geração potencialmente melhor preparada do que as que a precederam e, aparentemente, muito segura de si. São, todavia, presa fácil da degradação do mercado laboral e não conseguem encontrar uma saída airosa, nem combater este estado de coisas. Os sociólogos identificam uma característica muito comum neste grupo: a inexistência de qualquer projecto de vida. As manifestações mais evidentes são a apatia e a indolência.

No entanto, já no fim de Janeiro, o grupo musical Deolinda apresentava na sua tournée um tema inédito que veio agitar os ânimos e dar nome e voz àquela que passou a ser, a partir de então, conhecida como Geração Parva.

Cartaz do Protesto da Geração À Rasca no evento criado no Facebook.

Sou da geração sem remuneração
E nem me incomoda esta condição
Que parva que eu sou!
Porque isto está mau e vai continuar
Já é uma sorte eu poder estagiar
Que parva que eu sou!
E fico a pensar,
Que mundo tão parvo
Onde para ser escravo é preciso estudar...

Sou da geração sem remuneração
E nem me incomoda esta condição
Que parva que eu sou!
Porque isto está mau e vai continuar
Já é uma sorte eu poder estagiar
Que parva que eu sou!
E fico a pensar,
Que mundo tão parvo
Onde para ser escravo é preciso estudar...

De forma espontânea, a música dos Deolinda, com um crescente número de 340.000 visualizações no Youtube, transformou-se num hino à "geração (agora) parva".

Poucos dias depois, o editorial de um jornal diário de distribuição gratuita em Portugal, pela voz da sua directora, Isabel Stilwell, dizia que "se estudaram e são escravos, são parvos de facto. Parvos porque gastaram o dinheiro dos pais e o dos nossos impostos a estudar para não aprender nada". Em resposta recebeu milhares de comentários multiplicados pelas várias redes sociais.

O hino tornou-se assim na pólvora que acendeu o rastilho de todos os que se sentem pagadores dos erros cometidos pela geração sua antecessora.

Muitos problemas, poucas soluções

A verdade é que se o acender deste fósforo uniu alguns em lutas comuns, afastou outros tantos e levantou o véu sobre outras lutas e questões que tinham estado, até então, em estado de semi-latência.

Enquanto o blog O *Jumento* reflecte sobre a solidariedade inter-geracional (ou a ausência dela), Helena Matos, no blog Blasfémias, questiona a legitimidade desta geração de reclamar para si os mesmos direitos dos pais:

> Preparam-se agora os ditos membros da geração à rasca não para exigir que os mais velhos mudem de vida mas sim que também eles possam manter esse tipo de vida. Quem vier depois que se amanhe. A prosseguirmos, dentro de alguns anos, assistiremos a protestos de gerações que se dirão bem pior do que à rasca.

Preparam-se agora os ditos membros da geração à rasca não para exigir que os mais velhos mudem de vida mas sim que também eles possam manter esse tipo de vida. Quem vier depois que se amanhe. A prosseguirmos, dentro de alguns anos, assistiremos a protestos de gerações que se dirão bem pior do que à rasca.

"Porque se estudaram e são escravos, são parvos de facto"

we're not well, we're not still.

Sátira ao artigo de Isabel Stilwell, na página Facebook "artº 21" (artigo da Constituição que contempla o direito à resistência).

Luis Novaes Tito lança o apelo a favor da alteração do *status quo*, no blog A Barbearia do Senhor Luis, fazendo porém uma advertência, no que diz respeito ao conflito de gerações:

> Concordo que, em vez de chorarem pelos cantos embalados pelo faducho do "já não posso mais", vão para a rua gritar que é tempo de mudar, antes que os mandem embalar a trouxa e zarpar.

> Concordo que, em vez de chorarem pelos cantos embalados pelo faducho do "já não posso mais", vão para a rua gritar que é tempo de mudar, antes que os mandem embalar a trouxa e zarpar.

Entre posts e comentários, editoriais e artigos de opinião e nos media tradicionais, há também quem vá tentando puxar a sociedade para o cerne do problema: as causas e as soluções (sendo que as primeiras conseguem, como habitual, maior consensualidade do que as segundas). Alarga-se então o debate ao papel do Estado, e do legislador, e também da própria instituição Universidade e Ensino Superior.

E assim vai Portugal, "país de brandos costumes", cujo cesto do conformismo pode ter enchido de vez. Longe de encontrar uma plataforma de concertação entre classe política, sociedade civil e a própria da Geração visada, o movimento difundiu-se e cresceu, contra ventos e marés, e procura, agora, o caminho para a maturidade. Atravessará a sua primeira grande prova no dia 12 de Março e, dada a fragilidade da contagem de dados através das redes sociais, só nesse dia saberemos a verdadeira dimensão da vontade que tem esta Geração para mudar um País. Aguardamos. Ansiosamente.

Espanha: “Yes We Camp”, Mobilização nas Ruas e na Internet

Desde 15 de Maio que em Espanha as pessoas saíram às ruas paraa exigir democracia na antevisão das próximas eleições, com milhares a acamparem em diferentes cidades. Os manifestantes e apoiantes organizam-se em redes horizontais e descentralizadas, e tiram partido das ferramentas de mídia social para partilhar e disseminar informação, contar histórias, e colaborar em ideias, propostas e iniciativas.
Escrito por Leila Nachawati Rego (20/05/2011), traduzido por Sara Moreira.

Desde 15 de Maio de 2011 que em Espanha as pessoas saíram às ruas, para exigirem democracia na antevisão das próximas eleições, com milhares a acamparem em diferentes cidades. A 18 de Maio, ao mesmo tempo que os protestos eram manchete na imprensa internacional, a Junta Eleitoral de Madrid proibiu o movimento 15-M [15 de Maio], mas os organizadores desafiaram-nos ao concentrarem-se na praça Puerta del Sol pelo terceiro dia, apesar da chuva.
Segundo a Junta Eleitoral de Madrid não existem “razões sérias nem especiais” por trás da convocatória urgente para as manifestações em massa. Estas declarações mostram o fosso que existe entre o discurso oficial e as exigências dos cidadãos, e expandiram a oposição contra os dois principais partidos políticos. Os protestos têm-se espalhado pelo país e pela internet, com centenas de milhares a manifestarem-se em diferentes cidades - como Málaga, Granada e Tenerife - e a partilharem actualizações e apoiando-se uns aos outros através das redes sociais, especialmente pelo Twitter:

> #acampadasol Mojándose por la democracia y por unos derechos y unos deberes más justos. Mucho Ánimo desde #acampadasegovia #nonosvamos

> #acampadasol A ficar molhado pela democracia e por direitos e deveres mais justos. Muita animação na #acampadasegovia #nonosvamos

Foram também organizados eventos de solidariedade, principalmente através do Facebook e Twitter, à frente de embaixadas de Espanha em diferentes cidades como Londres e Jerusalém.

> @Anon_Leakspin: A las 19:00 empezará un campamento en la embajada española en Londres (Reino Unido). #spanishrevolution #europeanrevolution #yeswecamp #acampadasol

> Às 19h o acampamento na embaixada de Espanha em Londres (UK) irá começar. #spanishrevolution #europeanrevolution #yeswecamp #acampadasol

Meia noite na Puerta del Sol. Madrid, 19 de Maio. Fonte da imagem: Mikel el Prádanos (usada com permissão).

Os cidadãos organizaram-se eficientemente em comités que se dedicam a questões legais, de comunicação, limpeza, comida, saúde e até música. Foi levada tanta comida para os acampamentos que os organizadores tiveram de encontrar uma forma de a armazenar. E dezenas continuam ainda a voluntariar-se para traduzirem as decisões do comité para inglês, francês, árabe e linguagem gestual.

Manifestantes em Madrid, Espanha. Foto de Julio Albarrán, republicada com uma licença Creative Commons.

Com o rápido aparecimento, mudança e substituição de hashtags no Twitter, torna-se difícil tanto para a mídia como para os partidos políticos acompanharem:
#democraciarealya, #spanishrevolution, #acampadasol, #nonosvamos, #yeswecamp, #notenemosmiedo, #juntaelectoralfacts, #esunaopcion, #tomalaplaza, #pijamabloc,

coexistem com as tags dos acampamentos locais, uma para cada cidade:
#acampadavalencia, #acampadalgño, #acampadabcn

> @LaKylaB: Cuántos decían que no era posible un cambio? Cuántos creían que siempre viviríamos así? Cuántos?. Esto es solo el comienzo.

> Quantos diziam que uma mudança não era possível? Quantos acreditavam que iríamos viver sempre assim? Quantos? Isto é só o começo. #acampadabcn

Manifestantes em Madrid, Espanha. Foto de Julio Albarrán, republicada com uma licença Creative Commons.

Dezenas de tags transformaram este protesto, ironicamente, num movimento que é difícil de conter. Sem líderes visíveis e um sistema de comunicação descentralizado, as mobilizações em Espanha estão a tornar-se em mais um movimento global que as estruturas tradicionais têm dificuldade de interpretar.

A utilização das redes sociais não se limita à organização e partilha de actualizações, mas também passa pela adopção efectiva de ferramentas digitais colaborativas. Os objectivos e exigências em jogo podem ser lidos no website Democracia Real Já. Também há uma wiki onde os utilizadores incluem informação e materiais, documentos online com conselhos legais sobre o direito à associação e reunião, e uma petição urgente que exige um fim à proibição do acampamento. Um blog post publicado no mesmo dia por diversos activistas do movimento #nolesvotes (não votes neles) é mais um exemplo das várias iniciativas que resultam do trabalho colaborativo online: "#nolesvotes: pelo voto responsável".

Colaboración distribuida: Te invitamos a copiar este texto y construir páginas de enlaces que referencien todos los sitios que dan apoyo a la iniciativa. De igual modo, invitamos a los demás colectivos que comparten nuestra propuesta a que lleven a cabo acciones similares. La fuerza de la red reside en la distribución y colaboración entre sus nodos.

Colaboração distribuída: Convidamos-te a copiar este texto e a criar páginas que referenciam hiperligações para todos os sites que apoiam a iniciativa. Do mesmo modo, convidamos outros grupos que partilham a nossa proposta a levarem a cabo acções semelhantes. A força da rede reside na distribuição e colaboração entre os seus elos.

Acampamento na Puerta del Sol, Madrid, Espanha. Foto de Julio Albarrán, republicada com uma licença Creative Commons.

Alguns meios de comunicação e líderes políticos acusaram o movimento de uma falta de estrutura definida. Mas os cidadãos, jovens e não tão jovens, estão a organizar-se de formas diferentes e inovadoras. Têm ocupado espaços públicos, tanto nas ruas como na internet, e estão a tirar partido de ferramentas digitais para organizarem, partilharem e construírem as suas próprias histórias. Um “grito silencioso” está planeado para o 20 de Maio à meia noite, e aparenta ser uma metáfora bastante forte para este fosso de comunicação.

Portugal: Cidadãos Perguntam aos Islandeses Sobre Democracia

Bloggers e activistas portugueses estão a deixar-se inspirar pelas práticas islandesas de democracia directa em resposta à crise que o país enfrenta.
Escrito e traduzido por Sara Moreira (09/09/2011).

Em Abril, na mesma semana em que o anterior Primeiro Ministro português, José Sócrates, anunciava a necessidade de avançar com um "resgate" financeiro internacional para pagar a dívida pública de 80 mil milhões de euros, os islandeses foram às urnas para rejeitar a participação dos contribuintes no acordo de resgate bancário "Icesave".

Apesar da Islândia ter vindo a apresentar boas práticas de democracia directa, de renúncia a um resgate internacional e de convalescença económica em dois anos, a grande mídia de Portugal não lhe têm dado a devida atenção. Na blogosfera, no entanto, cidadãos portugueses analisam a história e ali têm encontrado inspiração.

Clavis Prophetarum [pseudónimo], do blog Quintus, explica porque é que considera que a "corajosa resistência [islandesa] ao complexo financeiro-político que hoje governa ademocraticamente a União Europeia" tem sido ignorada:

> A opção islandesa não serviu os interesses dos bancos europeus, logo estes têm todo o interesse em que se não fale dela nem que esta possível via chegue aos ouvidos dos cidadãos.
>
> Quando em 2007, a Islândia foi o primeiro país europeus a soçobrar perante a crise mundial, declarando bancarrota por causa da falência do seu maior banco muitos desconsideraram o impacto de tal crise alegando que se tratava apenas de um pequeno país com pouco mais de meio milhão de habitantes e que seria facilmente "socorrido" por um empréstimo do FMI. O problema foi que na Islândia a "ajuda" do FMI foi levada a referendo e... derrotada.

A opção islandesa não serviu os interesses dos bancos europeus, logo estes têm todo o interesse em que se não fale dela nem que esta possível via chegue aos ouvidos dos cidadãos.

Quando em 2007, a Islândia foi o primeiro país europeu a soçobrar perante a crise mundial, declarando bancarrota por causa da falência do seu maior banco muitos desconsideraram o impacto de tal crise alegando que se tratava apenas de um pequeno país com pouco mais de meio milhão de habitantes e que seria facilmente "socorrido" por um empréstimo do FMI. O problema foi que na Islândia a "ajuda" do FMI foi levada a referendo e... derrotada.

Clavis acrescenta que também em Portugal a "'*solução*' para a crise atual não pode passar por dez anos de restrições orçamentais severas para manter os Bancos que – de forma ávida e desbragada – nos emprestaram dinheiro".

O referendo nacional é só uma das "lições" que Portugal e os restantes países europeus podem aprender com a Islândia, como reporta o jornal i. Os cidadãos também se concentraram na frente do Parlamento para exigir a queda do governo conservador, levaram os responsáveis à justiça - incluindo o anterior Primeiro Ministro Geir Haarde cujo julgamento começou no passado dia 5 de Setembro - e está neste momento a ser desenhada colaborativamente uma nova constituição.

Protesto em Reiquejavique, 2008. Foto de Kristine Lowe no Flickr (licença Creative Commons BY-NC-SA 2.0).

Acham que nós, em Portugal, devemos fazer o mesmo que vocês?

Num vídeo de Miguel Marques, um grupo de cidadãos portugueses coloca uma série de questões aos islandeses sobre a mobilização social:

> Como é que os sindicatos na Islândia se posicionaram e se viram como actores nos movimentos da resistência contra a crise da dívida na Islândia e em toda a Europa? (...)
>
> Como é que vocês, islandeses, estão a organizar-se para criarem um futuro melhor?
>
> (...) O que está a acontecer agora? O que é que ainda estão a fazer? Estão a lutar pelo quê e pelo que acham que vale a pena lutar? Como a Constituição... Esta constituição separa realmente os poderes - económico, político, religioso? Como é que acham que ela vai ajudar? O que é que querem que a Constituição ajude a mudar? (...)
>
> O que estão a fazer agora? As mobilizações populares ... Ainda estão a encontrar-se? Estão organizados em pequenos grupos? Será que o povo se dividiu, como os quatro que foram eleitos? Há pequenos grupos de interesses?
>
> (...) Será que vocês, que estão na Europa, e nós aqui no sul, se pudéssemos [sic] encontrar uma maneira de nos juntarmos para percebermos o que há de errado com todo o sistema, o sistema capitalista, claro? Como podemos realmente criar uma rede de ajuda através da qual possamos propor um sistema totalmente novo para a Europa e além? Força povo da Islândia!

Para Miguel Madeira, do blog Vias de Facto, o relativo sucesso islandês é mais fruto da mobilização popular do que de "novos governos". Num comentário ao seu post, Fernando Ribeiro começa por realçar o facto de na Islândia não ter sido necessário recorrer a "confrontos violentos" e considera que ao mesmo tempo que na "Grécia, na Irlanda e em Portugal a classe política não consultou nem consultará os eleitores que representa quando toma decisões tão importantes como recorrer ao fundo europeu", não se pode descurar a necessidade de:

> requerer abertamente mais democracia na hora das tomadas de decisão fundamentais, e ultrapassar o argumento caduco da democracia liberal em que a democracia representativa funciona assim mesmo.

> requerer abertamente mais democracia na hora das tomadas de decisão fundamentais, e ultrapassar o argumento caduco da democracia liberal em que a democracia representativa funciona assim mesmo.

Os islandeses não só exigem mais democracia como também estão a tomar parte nela, através de uma "irrevogável afirmação de democracia participativa (...) Democracia 2.0, assente na nova constituição criada colaborativamente e que será debatida no Parlamento em Outubr. Paula Thomaz, da Carta Capital, resume o processo:

> a discussão para a nova [constituição] islandesa se dá através de vídeos do Youtube em tempo real, que mostram os debates do Conselho; fotos no Flick; pequenas frases no Twitter; no site oficial dos temas (em islandês e em inglês); e no Facebook é que as ideias estão abertas para discussão.

> a discussão para a nova [constituição] islandesa se dá através de vídeos do Youtube em tempo real, que mostram os debates do Conselho; fotos no Flickr; pequenas frases no Twitter; no site oficial dos temas (em islandês e em inglês); e no Facebook é que as ideias estão abertas para discussão.

Para finalizar uma análise aprofundada sobre as respostas da Islândia à crise, num artigo de opinião publicado originalmente no website Noticias do Douro e amplamente difundido pelos blogs, o funcionário público e engenheiro Fernando Gouveia, escreve:

> Se isto servir para esclarecer uma única pessoa que seja deste pobre país aqui plantado no fundo da Europa, que por cá anda sem eira nem beira ao sabor dos acordos milionários que os seus governantes acertam com o capital internacional, e onde os seus cidadãos passam fome para que as contas dos corruptos se encham até abarrotar, já posso dar por bem empregue o tempo que levei a escrever este artigo.

> Se isto servir para esclarecer uma única pessoa que seja deste pobre país aqui plantado no fundo da Europa, que por cá anda sem eira nem beira ao sabor dos acordos milionários que os seus governantes acertam com o capital internacional, e onde os seus cidadãos passam fome para que as contas dos corruptos se encham até abarrotar, já posso dar por bem empregue o tempo que levei a escrever este artigo.

Espanha: Os Protestos de 15 de Outubro e a Cobertura da Imprensa

A manifestação global de 15 de outubro, que clamou pelo exercício da democracia real e protestou contra a corrupção da elite e das corporações financeiras, foi de fato massiva na Espanha. Neste post, revelamos como um setor da grande mídia espanhola cobriu o evento e a discussão ente internautas.
Escrito por Chris Moya (22/10/2011), traduzido por João Miguel Lima.

Durante os protestos globais que ocorreram em mais de mil cidades e 82 países em 15 de outubro, os manifestantes congregaram-se em torno do lema "Unidos pela mudança global", para demandar seus direitos e uma democracia real. A Internet recebeu uma enxurrada de vídeos convocando milhares de cidadãos que discordam com as políticas de cortes sociais e com a submissão de governos ao mercado e às corporações financeiras.

@democraciareal: ¿Piensas quedarte en casa y leer lo que ha sucedido en los libros de historia? ¿o quieres ser partícipe y vivirlo?

@democraciareal: Pensas em ficar em casa e ler sobre o que aconteceu nos livros de história? ou queres ser um participante e viver isso tudo?

No caso específico da Espanha, a lista de pontos de encontro foi bastante longa, como mostra a imagem abaixo:

Pontos de encontro do #15O na Espanha.

Nas maiores cidades do país, a presença popular foi enorme, alcançando 500,000 pessoas em Madri e 350,000 em Barcelona. As ruas dessas cidades ficaram repletas de cartazes, ideias e pessoas revoltadas com as medidas neoliberais. As duas manifestações ocorreram de forma pacífica, e as praças exalaram o sentimento de união para uma mudança global, uma mudança de mentalidade.

Os veículos de imprensa mais conservadores da Espanha, que têm desinformado seus leitores desde que o movimento #15O começou, foram à venda nas ruas do país com as seguintes matérias de capa:

ABC

— Domingo 16-10-2011 / abc.es —

Los indignados «festejan» su protesta planetaria

A capa do ABC em 16 de outubro de 2011 - Manifestantes indignados "celebram" seu protesto global.

EL MUNDO

El PP conseguiría hoy 196 escaños y el PSOE sólo 117

La UE quiere devaluar un 30% la deuda española tras considerar que es tóxica

La ausencia de Blair convierte a Kofi Annan en la única figura relevante en la mesa sobre ETA

El 15-M resurge pacíficamente en España y con violencia en Roma

A capa do El Mundo diminui as manifestações e descreve os manifestantes como violentos.

@MikelSB: Acabo de ver la portada de #ABC bit.ly/nAqieS
¡Lamentable manipulación! Sacan la única manifestación con incidentes del #15o

@MikelSB: Acabo de ver a capa do #ABC. Uma lamentável manipulação! Publicam a única manifestação com incidentes do #15o

Pedro J. Ramírez, diretor do jornal El Mundo, conduziu uma enquete no Twitter que sugere a posição que a imprensa conservadora quer conferir ao movimento global por mudança: ora localiza o 15M na extrema esquerda, retratando-o como violento, ou minimiza as milhares de pessoas que foram às ruas.

@pedroj_ramirez: Q opináis? a) El 15M generará nuevo partido de izdas. b) El 15M derivará en violencia antiRajoy. c) El 15M seguirá lúdico e irrelevante.

@pedroj_ramirez: Como opinas? a) 15M vai gerar um novo partido de esquerda. b) 15M vai resultar em violência anti-Rajoy. c) 15M vai seguir sendo lúdico e irrelevante.

LA RAZÓN

INDEPENDIENTE DE INFORMACIÓN GENERAL · DOMINGO 16 de octubre de 2011

HOY CON LA RAZÓN
Colección Cine Americano y las revistas «Diez minutos», «A Tu Salud» y «L'Osservatore Romano»

LAS RAZONES DEL CAMBIO

Por la derrota real de ETA

El único final digno pasa por la disolución de la banda, la entrega de las armas, y la petición de perdón a las víctimas sin concesiones políticas

ENCUESTA NC REPORT
El 81,6 % de los españoles exige un fin con vencedores y vencidos

HOMENAJE A LAS VÍCTIMAS La portada de LA RAZÓN recuerda hoy los nombres de los 858 asesinados por la banda terrorista
Artículos de Alfonso Ussía, Antonio Basagoiti, Rubén Múgica, Daniel Portero, Ángeles Pedraza y Juan Moral · Editorial y Primera Plana P. 14 a 30

Los Príncipes, con el ganador

Javier Moro gana el 60 premio Planeta con «El imperio eres tú»

El escritor novela la historia del emperador brasileño Pedro I e Inma Chacón queda finalista P. 84

CAOS GLOBAL EN LAS CALLES
Nuevo desafío de los «indignados» que toman Madrid sin autorización y provocan disturbios en Roma P. 42 y 49

A capa do jornal La Razón não deu destaque aos grandes protestos.

Como foi possível ver nas capas do dia seguinte, em 16 de outubro, nem todos os jornais compartilharam as mesmas manchetes, nem tampouco engajaram-se em censura de informações, ao contrário de outros jornais citados anteriormente.

Grécia: Crise Financeira e Protestos Anti-Austeridade

O movimento dos indignados na Grécia aparentemente teria acalmado durante o verão, mas parece agora ter ganho novo fôlego, com a revolta colectiva a esquentar depois da imposição de mais uma ronda de medidas de austeridade. Asteris Masouras dá-nos uma perspectiva sobre os protestos até agora.
Escrito por Asteris Masouras (28/10/2011), traduzido por Sara Moreira.

Depois de ano e meio de violentas negociações de salvação e de distribuição de tranches de resgate pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e União Europeia, as intratáveis e cada vez mais ineficazes medidas de austeridade impostas pela "troika" ao governo socialista da Grécia, têm sido recebidas com protestos implacáveis.

O drama da crise da dívida soberana europeia, com a Grécia no seu centro, está a chegar a um extremo, com os políticos a procurarem desesperadamente opções que permitam separar a União Europeia da escalada da dívida.

Escárnio de estátua de atleta preparado para um motim. Foto disponibilizada pela equipa multimédia dos indignados de Atenas (licença Creative Commons BY-NC-ND 3.0).

O movimento dos indignados na Grécia, inspirado nas revoltas da "Primavera Árabe" e no movimento da revolução europeia que começou em Espanha, centra-se essencialmente em concentrações pacíficas em praças públicas de Atenas e Tessalónica. O movimento parecia ter fracassado durante o verão, depois de uma série de cargas policiais violentas, mas aparentemente ganhou novo fôlego em Setembro quando a revolta colectiva começou a esquentar com a imposição de mais uma ronda de medidas de austeridade no seguimento do resgate acordado na cimeira de emergência da Eurozona em Julho.

Os efeitos da austeridade

Com o desemprego jovem acima dos 40% e a incerteza que paira sobre as diminutas perspectivas de trabalho, a austeridade contínua gerou uma nova onda de imigração, desta vez dos mais brilhantes jovens da Grécia, combinada com um arrasto na economia pela corrida forçada à reforma provocada por medidas de “downsizing” e de subida na idade da reforma.

A própria austeridade pode constituir uma violação dos direitos humanos, como declarou um especialista das Nações Unidas em Julho. A incessante escalada das medidas de austeridade está a pesar no quotidiano dos gregos, com os serviços sociais a serem cortados e até a capacidade de aquisição de bens essenciais a tornar-se cada vez mais difícil devido ao aumento do IVA e aos cortes nos salários, nas reformas e nos apoios sociais. Uma publicação recente no boletim de medicina Lancet aponta que a crise também está a incorrer em efeitos adversos na saúde da população, à medida que aumentam os laudos de suicídios e criminalidade.

Os gregos criativos também são afectados pela austeridade, enquanto que tiram partido dos blogs e redes sociais para desabafar sobre as suas frustrações. A blogger publicada e publicitária Constantina Delimitrou pinta um retrato negro da insegurança financeira que apoquenta as mentes e corpos dos gregos:

> Οι περισσότεροι είμαστε με μόνιμες τανάλιες στα στομάχια για το περισσότερο μέρος της ημέρας και της νύχτας. Ένα βλαμμένο συνοθύλευμα από φόβους, αγωνίες, εικόνες τρομακτικές που δε θες αλλά σου σφηνώνονται στο κεφάλι και δε σ’ αφήνουν να πάρεις ανάσα. [..] ακούς να ρωτάνε πόσα μακαρόνια να βάλουν στην άκρη για μια ώρα ανάγκης, πώς θα πάνε στη δουλειά χωρίς φράγκο και πόσο νερό άραγε να θέλει ένα μποστάνι στο μπαλκόνι. Και εκείνη η κυρία ένα βράδυ στο μετρό. Που έκλαιγε για δέκα ευρώ στο τηλέφωνο. Τα παιδιά της στο νοσοκομείο και δεν έβρισκε δέκα ευρώ να ταΐσει τα εγγόνια. Και αυτός που μιλούσε δεν είχε να της δώσει. Και δεν είχα ούτε εγώ. Αλλά και να ‘χα, πώς να πλησιάσεις τον άλλο να τον βοηθήσεις;

> A maioria de nós tem tenazes permanentes a apertar aquilo em que acredita durante quase todo o dia e noite. Uma confusão estúpida de medos, ansiedades, imagens aterrorizantes que inconscientemente se prendem à cabeça e não deixam respirar. [...] ouve-as perguntar quanto spaghetti deves armazenar para um momento de necessidade, como é que vais para o trabalho sem um cêntimo, de quanta água precisa um vaso na varanda. E aquela senhora, naquela noite no metro. A chorar ao telefone por causa de 10 euros. Tinha os filhos no hospital e não conseguia arranjar 10 euros para alimentar os netos. Quem a ouvia não tinha nada para lhe dar. Nem eu. E mesmo que tivesse, como é que abordas alguém para oferecer ajuda?

Protesto massivo de indignados em Atenas. Imagem de endiaferon, copyright Demotix (29/05/2011).

A web designer Cyberela comenta secamente as suas previsões enquanto paciente de hemangioma crónico:

> @Cyberela: Φυσικά τις θεραπείες που κάνω τώρα δεν μπορει να μου τις πληρώσει η ασφάλιση. Ο κόσμος με αιμαγγειωμα είναι καταδικασμένος στην Ελλάδα.

> @Cyberela: Naturalmente, a minha segurança social não pode cobrir os meus tratamentos. Os doentes de hemangioma na Grécia estão lixados.

E o actor Haris Attonis twitou uma observação lacónica sobre a migração:

> @hartonis: Οι μισοί γνωστοί μου μετακόμισαν στο εξωτερικό. Οι άλλοι μισοί, μέσα τους.

> @hartonis: Metade dos meus amigos emigraram para o estrangeiro. A outra metade, emigrou dentro de si própria.

Confrontos com a polícia

A violência policial desenfreada está a exacerbar as pressões sociais. Os incidentes mais graves ocorreram quando a violência policial sem precedentes contra manifestantes na praça Syntagma em Atenas, a 28-29 de Junho, foi denunciada por organizações internacionais de direitos humanos, que frisaram o uso massivo de gás lacrimogéneo e exortaram a polícia grega a abster-se de usar força excessiva.

Assembleia geral dos indignados de Atenas 29/5/2011. Foto de Cyberela
(licença Creative Commons BY-NC-ND 3.0).

As concentrações indignadas, já menos participadas devido às férias de Verão, foram invadidas pela polícia à noite e desmontadas, com alegadas restrições impostas em alguns casos para prevenir futuros encontros, tal como aconteceu depois às concentrações em Espanha e nos Estados Unidos. O habitual discurso do Primeiro Ministro na abertura da Feira Internacional de Comércio em Tessalónica em Setembro foi recebido com protestos e confrontos de grupos distintos que convergiam para a praça exterior altamente policiada, enquanto era anunciado mais um imposto de propriedade de emergência.

Utilização das mídias sociais

O Twitter emergiu como plataforma central para jornalismo cidadão e activismo na Grécia desde os motins relacionados com o assassinato pela polícia de um menor em 2008. Vários activistas na curadoria de notícias usaram ferramentas de agregação de tweets para narrar os protestos anti-austeridade, produzindo uma massa de trabalho impressionante.

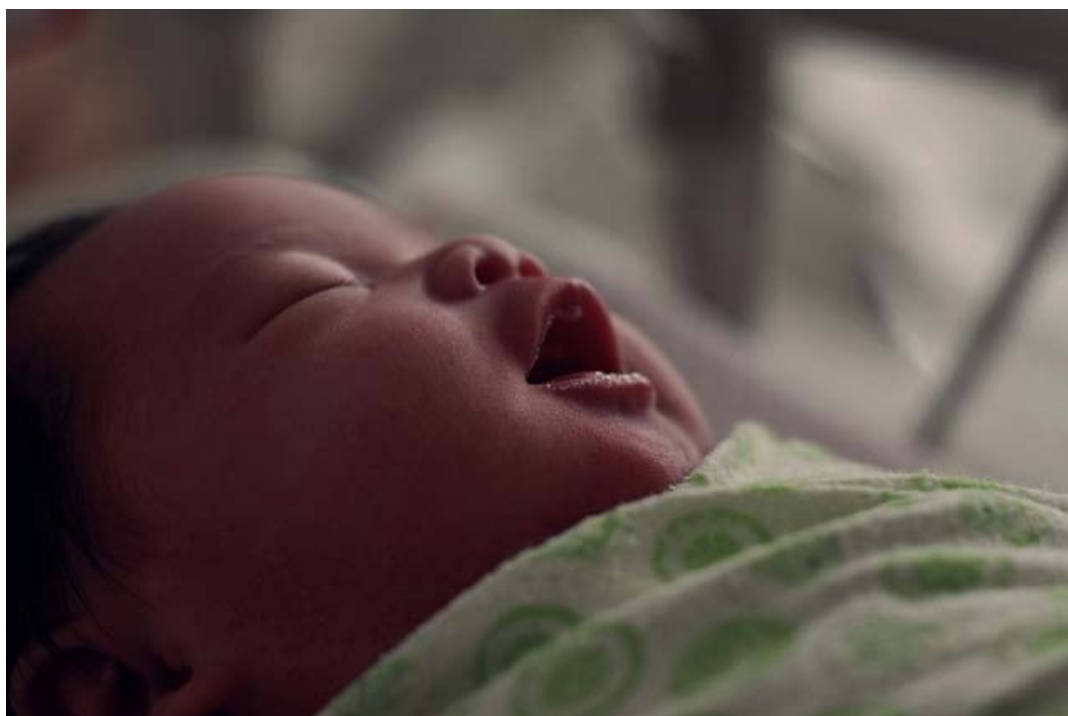
Theodora Economides (@IrateGreek no Twitter) usou o Chirpstory para construir narrativas sobre a maioria dos principais eventos de protesto em Atenas, enquanto que Antonis Gazakis (@gazakas no Twitter) publicou diariamente via Twitter ao vivo minutas da assembleia geral de indignados de Tessalónica no Storify.

Myrto Orfanoudaki Simic compilou vídeos da brutalidade da polícia a 29 de Junho. Enquanto isso, 31.000 utilizadores já gostaram da página Facebook dos indignados de Atenas, e 5.000 utilizadores gostam do perfil dos indignados de Tessalónica no Facebook. Dezenas de fotógrafos têm publicado foto-reportagens dos protestos gregos no Demotix desde o início de 2009, enquanto que milhares de fotos e dezenas de vídeos de activistas e jornalistas cidadãos são colocados no blog da equipa multimédia dos indignados de Atenas na praça Syntagma sob uma licença Creative Commons desde que estes protestos começaram.

Protesto na praça Syntagma, 25/5/2011. Foto disponibilizada pelos indignados de Atenas (licença Creative Commons BY-NC-ND 3.0).

Em tom humorístico, Theodora também lançou a hashtag #GreekPoliticianManual (Manual do Político Grego) baseada no Arab Tyrant Manual (Manual do Tirano Árabe) de Ivad El Baghdadi, para ridicularizar a ética e as práticas dos políticos. O embuste The Angry Greeks vs. Angry Birds (Os Gregos Furiosos vs. Os Pássaros Furiosos), criado pela equipa de video-arte ToonPosers, já conseguiu 105.000 visualizações no YouTube.

Grécia: “Dar à Luz Não é Privilégio dos Ricos!”

Um jornal revelou que alguns hospitais públicos na Grécia têm recusado tratamento hospitalar a mulheres em trabalho de parto, por estas não terem dinheiro para pagar as taxas de 950 euros.
Escrito por Veroniki Krikoni (08/12/2011), traduzido por Sara Moreira.

Nacimiento, Foto do utilizador do Flickr riqfy (licença Creative Commons BY-NC-SA 2.0).

Sentimentos de repulsa e raiva foram causados pela notícia publicada no jornal Eleftherotypia (Liberdade de Imprensa) a 5 de Dezembro de 2011, que revela que alguns hospitais públicos na Grécia recusaram atendimento a mulheres em trabalho de parto, porque não tinham dinheiro para pagar as taxas de 950 euros.

Os incidentes aconteceram em Novembro de 2011, em hospitais públicos de Atenas, Tessalónica, Rhodes e Rethymnon. Nestes casos o custo do “tratamento hospitalar integrado unificado”, segundo a lista de preços do Ministério da Saúde, sai a 950 euros para parto natural e 1500 euros para partos por cesariana. As mulheres grávidas pagam o valor adiantado e depois os custos são compensados com o subsídio de nascimento.

Depois de vários dias de atraso, o Ministério da Saúde interveio com uma circular a informar que no futuro não serão exigidos pagamentos adiantados nessa quantia, deixando no entanto em aberto a questão das diferenças de preço entre a lista oficial de preços e o subsídio de nascimento atribuído.

Duas organizações ligadas aos direitos da mulher, a “Iniciativa das Mulheres Contra a Dívida e Medidas de Austeridade”e o “Movimento das Mulheres Independentes” começou a alertar para estes episódios:

> Dar à luz não é privilégio dos ricos! Exigimos partos gratuitos, exigimos que os fundos de resgate vão directamente para o sector da saúde...

A notícia foi partilhada e comentada em várias redes sociais pelos cidadãos gregos online.

Dimitris Oikonomou expressou a sua vergonha sobre o sucedido:

> @d_oikon: ΝΤΡΟΠΗΗΗΗ...! Που φτάσαμε γαμώτο!! [Έδιωξαν από νοσοκομεία ετοιμόγεννες που δεν είχαν χρήματα...]

> @d_oikon: QUE VERGONHAAAA...! Raios, como viemos parar aqui? [Mulheres em parto foram descartadas por hospitais porque não tinham dinheiro...]

Enquanto o utilizador da rede Gangelakis acrescenta, no espírito da época natalícia:

> @Gangelakis: Και ο Χριστός σε σπηλιά γεννήθηκε: Δημόσια νοσοκομεία αρνήθηκαν α περιθάλψουν ετοιμόγεννες,επειδή δν είχαν ν πληρώσουν

> @Gangelakis: O próprio Jesus Cristo nasceu numa caverna: Hospitais públicos recusaram tratamento a mulheres em parto porque não tinham dinheiro para pagar.

A utilizadora Nemi Vl comentou no Facebook:

> Ένα ένα τα διαβάζω σήμερα, σκάνε σαν χαστούκια...

> A ler as notícias de hoje, é uma a seguir à outra.... como levar um estalo na cara...

O utilizador Lector realça a essência do incidente num fórum de discussão:

> Δεν κοιταξαν την ταυτοτητα αλλα το πορτοφολι.

> Não olharam para o bilhete de identidade, olharam à carteira.

No mesmo fórum, simonbolivar faz uma comparação com o sistema de saúde americano:

> Η ΑΠΟΛΥΤΗ ΞΕΦΤΙΛΑ!
> Ο ΔΙΑΣΥΡΜΟΣ ΕΝΟΣ ΣΥΣΤΗΜΑΤΟΣ,ΚΑΙ ΜΙΑΣ ΚΥΒΕΡΝΗΣΗΣ!
> Μας κανανε Αμερικη,οπου αν δεν εχεις καλη ασφαλιση εισαι τελειωμενος!

> UMA HUMILHAÇÃO COMPLETA!
> A VILIFICAÇÃO DE UM MECANISMO E UM GOVERNO!
> Tornaram-nos na América, onde estás acabado se não tens um bom seguro!

Enquanto que, no mesmo tom, Isis junta um trago de ironia à mistura num fórum diferente:

> Συγκίνηση, γινόμαστε Αμερική.
> Ακούς εκεί να ξεγεννάνε δωρεάν τα δημόσια νοσοκομεία. Κατάργηση και του επιδόματος τοκετού ΤΩΡΑ.

> Sinto-me tocado, estamos a tornar-nos na América.
> Dar à luz de graça em hospitais públicos? Impossível. É acabar com o subsídio de nascimento já AGORA também.

Num portal de notícias onde a notícia foi partilhada, o leitor Harry deixa clara a sua raiva num comentário ao post original sobre as despesas de hospital e a forma como se lida com a maternidade:

> Από όλες τις επιθέσεις που έχω δεχτεί από το κράτος (χαράτσια, ΔΕΗ, φόροι) πρέπει να πω ότι η μεγαλύτερη οργή μου προκαλείται από το πως αντιμετωπίζει την έγκυο γυναίκα μου. Η ασφάλειά μου δεν καλύπτει τίποτα πλέον (ΤΕΒΕ) και το νοσοκομείο είναι πανάκριβο και για κλάμματα. Κάθε κράτος στηρίζει την μητρότητα εκτός από την Ελλάδα. Αν συνεχίσει αυτή η κατάσταση θα μεταναστεύσουμε σε άλλη χώρα οικογενειακώς.

> De entre todos os ataques que já sofri pelo estado (impostos pesados, electricidade, impostos adicionais), tenho a dizer que o que me deixa mais furioso é o tratamento que a minha mulher grávida enfrenta. O meu seguro já não cobre nada (Fundo para Trabalhadores Independentes e Artesãos) e o hospital é muito caro com um serviço revoltante. Se esta situação continua, vou pegar na minha família toda e vamos para fora como imigrantes.

O utilizador do Twitter Jordi critica os responsáveis:

> @jorjito73: Έδιωξαν από νοσοκομεία ετοιμόγεννες που δεν είχαν χρήματα...Όχι δεν φταίει ο Λοβέρδος, οι ανάλγητες διοικήσεις...

> @jorjito73: Mulheres em trabalho de parto foram rejeitadas por hospitais porque não tinham dinheiro... Culpa do Loverdos [Ministro da Saúde]? Claro que não, culpem a administração cruel...

A discussão depois passou para assuntos completamente diferentes sobre o futuro do país e os seus futuros cidadãos:

> @katerinas_diary: @jorjito73 επεμβαίνουν και στο μέλλον της φυλής δηλαδή.. Αν οι άνεργες κλπ ετοιμόγεννες δεν θα γίνονται δεκτές στα δημόσια νοσοκομεία!!!

> @katerinas_diary: @jorjito73 Eles interferem com o futuro da raça, isto é... Se mulheres desempregadas que querem dar à luz não são admitidas em hospitais públicos!!!

> @jorjito73: @katerinas_diary Είναι μια αρχή κι αυτή για να διαμορφώσουν οριστικά & αμετάκλητα το εκλογικό σώμα τα επόμενα χρόνια... Αίσχος και κατάντια

> @jorjito73: @katerinas_diary É o princípio da formação do eleitorado durante os próximos anos, de uma vez por todas... Vergonha e degradação.

O número de nascimentos na Grécia parece ter decrescido em 15% ao longo do último ano, enquanto a situação económica agreste tem forçado muitos casais a adiarem o primeiro ou segundo filho.

Zona Euro em Crise: Reações na Mídia Cidadã em 2011

O ano 2011 será recordado pela crise da dívida Europeia e respectivo impacto na economia global, mas também pelas duras consequências na vida do dia-a-dia. Neste artigo um apanhado da cobertura do Global Voices com as reacções na mídia cidadã à crise na zona Euro durante o ano que passou.
Escrito por Paola D'orazio (07/01/2012), traduzido por Sara Moreira.

O ano 2011 será recordado pela crise da dívida Europeia e pelo respectivo impacto na economia global, mas também pelas duras consequências na vida do dia-a-dia. A crise - sem precedentes na história da economia pós-guerra - começou em 2007, e a Europa está a viver hoje os dias mais negros da sua economia desde os anos 30.

Devido à crescente relevância do tema e à difusão de plataformas sociais online, nos últimos meses têm proliferado blogs (e tweets) sobre economia. Opinião, reflexão e reacção multiplicam-se na rede, à procura de um sentido para o futuro que aguarda a zona Euro.

Com as subidas do IVA e os cortes nos salários, reformas e apoios sociais, alguns bens básicos estão a tornar-se menos acessíveis. O bloguista indiano Deepankar Basu escreveu no website de economia Sanhati:

> These [austerity] measures reduce expenditure and increase taxes in order to reduce government deficits. Cutbacks in government spending and increases in taxes, at this particular moment, however, amount to the worst possible policy stance, reducing aggregate demand even further, and pushing the economies deeper into recession.
>
> Estas medidas [de austeridade] cortam na despesa e aumentam os impostos de forma a reduzir os défices dos governos. Os cortes das despesas governamentais e as subidas nos impostos resultam, no entanto, neste preciso momento, na pior orientação política possível, pois reduzem a demanda agregada ainda mais e empurram as economias para uma recessão cada vez mais profunda.

Dívidas soberanas, classificações de "lixo": os protestos tomam as ruas

A crise começou em três países - Irlanda, Grécia e Portugal - mas rapidamente alastrou-se para Espanha e Itália.

À medida que as agências internacionais de notação financeira começaram a dar classificação de lixo ("junk ratings") à solvência (capacidade de pagar a dívida pública) de cada país, parecia cada vez mais que eram elas quem detinha o futuro da Eurozona. Este poder sobre o destino de cada estado provocou grandes debates por toda a Europa, com muitos a questionarem a legitimidade das análises.

Em Portugal, por exemplo, houve uma forte onda de comoção e reacção quando a agência de notação financeira americana Moody's avaliou a dívida portuguesa como "lixo".

Mas o núcleo dos protestos arrancou em Maio. Começou tudo em Espanha com o movimento 15M [15 de Maio], principalmente coordenado pela organização Democracia Real Ya, que com grande capacidade de mobilização online organizou manifestações massivas contra a corrupção, o desemprego e a estrutura política que alegadamente favorece um sistema bipartidário.

As *acampadas* que nasceram na Plaza del Sol em Madrid rapidamente "contagiaram" outras cidades espanholas, tais como Barcelona, Sevilha e Málaga. Em poucas semanas outros movimentos tornaram-se activos noutros países europeus e globalmente, mais tarde, surgiu o movimento Occupy Wall Street.

#campmap for #worldrevolution: (mapa de acampadas da revolução mundial) - mais de 600 protestos e acampadas foram despoletados em solidariedade com os manifestantes espanhóis no final de Maio, 2011.

Alguns, incluindo a mídia mainstream, não tardaram em fazer a ligação entre a chamada Revolução Espanhola e a Primavera Árabe.

> Como si se tratara de la plaza Tahrir, en Egipto, escenario de las protestas populares. El caldo de cultivo del derrocamiento de Hosni Mubarak. Esto es distinto pero puede ser el embrión de algo. Quién sabe.

> Como se fosse a praça Tahrir, no Egipto, cenário de revoltas populares, e o caminho para a queda de Mubarak. Isto é diferente, mas pode ser a semente de algo. Quem sabe.

Solidariedade com o movimento espanhol chegou logo da Grécia, o primeiro país a sentir o fel da austeridade da troika [FMI, CE e BCE] desde 2010. Na Grécia em particular os protestos anti-austeridade foram mais intensos. Em Junho houve manifestações pacíficas e concentrações na Praça Syntagma (Constituição), e quando os manifestantes tinham planeado cercar o Parlamento no dia em que seria votado o Plano Intercalar de Austeridade, houve carga policial violenta.

Os protestos continuaram Verão fora especialmente em Espanha e na Grécia. Mas só as grandes reformas e os planos de austeridade amplamente adoptados nos países "PIIGS" ["Porcos", e acrónimo para Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha] já em pleno Outono é que marcaram um ponto de viragem na crise da dívida do Euro.

Sangue e Lágrimas: receita da austeridade

A pressão dos mercados financeiros e as recomendações vindas da Comissão Europeia pressionaram alguns governos a adoptarem as chamadas medidas de austeridade com o intuito de virem a eliminar défices orçamentais insustentáveis. As receitas aplicadas parecem ter alguns pontos em comum nos diferentes países: cortes nas despesas e serviços sociais, impostos adicionais, subidas do IVA e cortes nos salários, com os cidadãos a pagarem a crise.

Em Espanha o intenso debate social sobre o plano de recuperação económica levou a novos protestos em Setembro quando o #reformazo (#reformaço) foi anunciado. Em Espanha, e mais tarde em Itália, o governo decidiu introduzir mudanças constitucionais para limitar a despesa pública (pela estabilidade orçamental). Em resposta houve protestos pelo país fora organizados pelas assembleias da Puerta del Sol e por todo o movimento 15M contra aquilo que a Real Democracy Now! chamou de Golpe de Estado Financeiro.

Na Grécia em Outubro houve uma manifestação sem precedentes durante a marcha do 'Ochi Day' (Dia do Não) [en] na qual os gregos demonstraram a sua revolta com as implacáveis e ineficazes medidas de austeridade, culminando no acordo do "corte de cabelo" negociado entre os bancos e os políticos europeus, que muitos temem que represente uma nova forma de ocupação estrangeira do país.

O impacto da austeridade tem sido particularmente severo na Grécia, onde suicídios e criminalidade estão em escalada, e onde a assistência social e de saúde está a tornar-se cada vez mais cara. O elevado custo dos partos em hospitais públicos (que podem chegar aos mil euros) é só um exemplo dos efeitos sociais adversos da crise actual.

Mas há também histórias de vítimas do cocktail explosivo da bolha imobiliária, da crise financeira, e das elevadas taxas de desemprego. Milhares de famílias estão agora sem casa. Uma grande campanha contra a especulação imobiliária, contra os despejos e pela realocação de edifícios em desuso começou em Espanha.

Mobilização nas ruas e na internet

Para além das questões económicas e das suas implicações para os cidadãos dos países europeus, a participação democrática e os direitos dos cidadãos ocupam o debate público. A participação massiva em protestos contra as medidas de austeridade - tanto online como nas ruas - foi algo de novo na cena política da Europa.

Muitos, como em Portugal, apontaram alternativas às medidas "top-down" impostas pela troika da CE, FMI e BCE, para que a prática de democracia directa da Islândia se tornasse um modelo. Já que a Islândia recusou o resgate internacional, discutiu-se se poderia haver uma solução diferente para a crise actual que não passasse por dez anos de restrições orçamentais severas para "salvar" os obrigacionistas (bondholders).

Mas houve também outro assunto que surgiu mais recentemente, com as mudanças cruciais nos governos de três países europeus. Enquanto que em Espanha a mudança deveu-se a eleições antecipadas, os novos primeiros ministros da Grécia e Itália foram escolhidos pelo chefe de estado, sem aprovação qualquer pelo povo.

A demissão de Silvio Berlusconi em Itália foi particularmente importante não só para o país como também para toda a União Europeia já que o país precisava de acalmar os mercados financeiros de forma a manter as taxas de juro da dívida soberana sob controlo. Depois da "Festa pela Demissão do Berlusconi" rapidamente italianos e europeus envolvidos na crise perceberam a feia realidade com a qual têm de viver.

À medida que as angústias financeiras da Europa se intensificam, reina a austeridade, a crise aprofunda-se e os economistas prevêem uma recessão (sem precedentes), talvez 2011 seja visto como um "ano perdido" na história da economia europeia.

Itália: Novos Protestos Contra as Medidas de Austeridade

As várias manifestações desencadeadas pelas medidas anti-austeridade nos países europeus em dificuldade com a crise econômica deveriam ter-nos ensinado que quando deixados à disposição de mercados financeiros, mais cedo ou mais tarde, seria de esperar-se um visível descontentamento da população. Especialmente num país como a Itália, já sufocado com anos de péssima governança, e onde o déficit orçamentário e a democracia uniram-se à desinformação.
Escrito por Ylenia Gostoli (05/02/2012), traduzido por Debora Baldelli.

As várias manifestações desencadeadas pelas medidas anti-austeridade nos países europeus em dificuldade com a crise econômica deveriam ter-nos ensinado que quando deixados à disposição de mercados financeiros, mais cedo ou mais tarde, seria de se esperar um visível descontentamento da população. Especialmente num país como a Itália, já sufocado com anos de péssima governança, e onde o déficit orçamentário e a democracia uniram-se à desinformação.

Desde meados de janeiro uma onda de protestos tem se alastrado na Itália. Começou na Sicília com a mobilização de fazendeiros, motoristas de caminhão, pescadores (na sua maioria com pequenos negócios), tendo posteriormente ganho grande adesão em toda a região, incluindo trabalhadores assalariados, estudantes e desempregados. O movimento recebeu o nome de Forza d'Urto ("força de choque"), melhor conhecido como "O Movimento da Enxada".

Movimento do Forconi, imagem do Facebook.

Desde o 16 de janeiro, caminhões paralisaram as estradas da ilha por seis dias com pelo menos 26 bloqueios, interrompendo a circulação de bens e levando negócios a parar, com longas filas para combustível e prateleiras de supermercado vazias

Posteriormente, os protestos se espalharam para outras regiões, com greves e bloqueios por toda a Itália. Em Roma, durante uma manifestação dos pescadores na frente da Câmara de Deputados, três manifestantes ficaram feridos. A mobilização em massa contra o pacote de austeridade implementado pelo Primeiro Ministro Mario Monti e seu gabinete, lamentando principalmente o passo dado para o aumento do combustível. Entretanto, durante os primeiros dias de manifestação, a mídia italiana silenciou-se, exceto alguns jornais locais, como Marco Cedolin aponta em seu blog Il Corrosivo:

> I media mainstream in queste stesse ore tacciono, reputando (e lasciando intendere) che in Sicilia non stia accadendo nulla che meriti attenzione, tutto tranquillo e nessun problema. Davvero la protesta in questione è una vicenda d'importanza ed incidenza così minimale da non meritare neppure un servizietto di 50 secondi, di quelli che comunemente vengono dedicati perfino al nuovo tatuaggio sfoggiato dal vip di turno?

> A grande mídia está neste momento em silêncio, julgando (e insinuando) que nada que mereça atenção acontece na Sicília agora, tudo está calmo e não existem problemas.
> É um protesto assim de tão pouca importância que não mereça 50 segundos de reportagem, aquele momento geralmente reservado para o debate acerca da nova tatuagem de uma celebridade qualquer?

Os setores em greve protestam contra o pacote de liberalização do governo, mas também estão unidos por um sentimento de privação de direitos de toda a "casta política": pescadores que alegam não mais terem como sustentar os custos de gerir seu próprio negócio por conta das altas taxas; caminhoneiros que não podem custear o transporte das mercadorias com a baixa taxa determinada pelo mercado aberto competitivo por conta do aumento do preço do combustível. Por conta disso, a mobilização foi de encontro com muito ceticismo e acusações que representam apenas um conjunto de interesses restritos.

No Fuori Onda Blog David Incamicia reflete sobre sua posição, que tende a criticar o movimento por colocar toda a culpa do atual governo, que no último novembro herdou de Berlusconi um país com a economia e reputação internacional em baixa:

> Le piazze in rivolta avevano certamente motivo d'essere fino a qualche settimana fa, quando l'irresponsabilità di "un sol uomo al comando" e la sua ostinata resistenza al potere hanno finito per rendere ancor più dura e di difficile risoluzione la pesante situazione sociale del Paese (…)
>
> Ma oggi, proprio per evitare il tracollo definitivo, occorre che tutti giochino nella stessa squadra (…) Gli egoismi vanno rimossi senza se e senza ma. Così come l'ancora poderosa demagogia che arringa a destra e a manca.

> Aqueles tomando as praças certamente tinham toda a razão para fazê-lo até algumas semanas atrás, quando a irresponsabilidade de "um-único-líder" e sua teimosa recusa em abandonar o poder só fez a resolução ainda mais difícil para os países já num tecido social tenso.
>
> Entretanto hoje, precisamente no sentido de evitar a irreversível queda, todos precisam jogar no mesmo time (...) Interesses egoístas necessitam sua remoção sem o uso de "se"(s) e "mas". O mesmo vale para o forte discurso demagógico vindo da direita e da esquerda.

Enquanto aqueles que desejam aproveitar a oportunidade para criticar o atual governo (como o partido de extrema direita Lega Nord, agora como oposição) parecem ignorar que o movimento dos fazendeiros (ou Movimento das Enxadas) nasceu na verdade no verão passado, e que os pescadores vêm organizando uma paralisação desde 2008, para persistir ali uma inabilidade (ou falta de força de vontade?) para definir a natureza do movimento, que abre o caminho à confusão e exploração para diferentes fins políticos.

Durante as paralisações, as grandes mídias focaram na alegada infiltração da máfia e na morte do caminhoneiro Asti, enquanto na página do Facebook dedicada ou associada ao movimento proliferava revelando, entre outras coisas, uma quantidade de ligações ao movimento neo-fascista Forza Nuova, que apoia o Movimento das Enxadas. As hashtags comumente usadas no twitter foram #fermosicilia, #forzadurto e #forconi.

Os seguintes comentários por Veneti stufi no que chama de Página Oficial do Movimento no Facebook é representativa das confusões geradas:

> Non capisco più nulla, pagine colme di rabbia e non di vera indignazione/protesta, ma quali sono i VERI FORCONI? Il sito non è attivo, ognuno in rete dice tutto ed il contrario di tutto, USATE la rete e coinvolgete le persone, non date modo di strumentalizzarvi.

> Eu não entendo, eu páginas cheias de raiva ao invés de uma real indignação/protesto, quem realmente são os participantes das ENXADAS? O website está inativo, online todos dizem tudo e o contrário de tudo, USAM a web e pessoas tornem-se envolvidas, não deem chance para serem explorados.

Entretanto, em várias marchas organizadas em várias cidades nas redondezas da Sicília, incluindo Gela (no vídeo) e Palermo, existiam estudantes, desempregados e jovens com todo tipo de afiliação política, como demonstra o press release assinado pelo Studentato Autogestito Anomalia (Centro de Estudantes Autônomos Anomalia) e o Laboratorio Vittorio Arrigoni, dois dos maiores centros sociais da cidade:

> La protesta popolare che si sta diffondendo in Sicilia come tutte le proteste di questo tipo sono complesse, di massa e contradditorie, ma di sicuro parlano il linguaggio della lotta contro la globalizzazione, contro equitalia e lo strozzinaggio legalizzato che sta mettendo in miseria larghe fasce della societa' siciliana , contro la casta politica di destra e di sinistra (…)
> Noi, militanti di centri sociali e di spazi occupati della citta' di Palermo, sosterremo la lotta di "forconi" e autotrasportatori perchè frutto di una giusta battaglia e perchè ricca di positive e "incompatibili" energie; per questo, come sempre, saremo al fianco di chi lotta contro la crisi e questo intollerabile sistema.

A revolta popular da Sicilia, como todo protesto do tipo, é uma complexa e contraditória mobilização de massa, mas certamente fala a mesma lingua da luta contra a globalização, contra a Equitalia (órgão do governo responsável pela cobrança de impostos) e sua usurpação legalizada, que está reduzindo grandes pedaços da sociedade italiana à pobreza, contra a "casta política" de ambas, a direita e a esquerda (...)
Nós, militantes de centros sociais e dos espaços ocupados de Palermo, vamos apoiar a luta das Enxadas e dos caminhões porque isso resulta de uma luta justa e porque está cheia de energias positivas e incompatíveis; porque por isso, como sempre, estaremos do lado de quem luta contra a crise e contra o sistema intolerante.

Segundo Marco Cedolin, o protesto merece atenção porque tenta ir além da divisão ideológica:

> Non so quanta "fortuna" avrà la protesta dei Forconi che sta paralizzando la Sicilia, così come non conosco le prospettive di una movimentazione che sembra manifestarsi (per la prima volta in Italia) realmente trasversale, abiurando i partiti e tentando di mettere nel cassetto le divisioni settarie fra "rossi e neri" che da sempre minano alla radice qualsiasi battaglia in questo disgraziato paese, conducendola ogni volta sul binario morto della diffidenza e dei distinguo.

Eu não sei o que a manifestação das Enxadas tem paralisado na Sicília, assim como não tenho certeza do que esperar de um movimento que (pela primeira vez na Itália) parece representar diversos interesses políticos, rejeitando partidos políticos numa tentativa de pôr de lado as divisões sectárias entre "camisas vermelhas e camisas pretas" que sempre prejudicaram toda luta desde o seu início neste país miserável, uma suspeita mútua e diferenças que cada vez mais nos levam a um beco sem saída.

A falha da opinião pública em compreender a natureza das manifestações é também - e talvez especialmente - o próprio falhanço da grande mídia em contar uma história, mais um legado da era Berlusconi (a Itália está na 61a posição no Índice de liberdade de imprensa do Repórteres Sem Fronteiras 2011-12), algo que os políticos ainda hesitam em lidar. Para Davide Grasso, que escreve no blog Quiete o Tempesta, a Manifestação das Enxadas foi:

> l'ennesimo successo a metà del sistema italiano dell'informazione. Successo nel combattere le aspirazioni dei soggetti sociali che scelgono la strada della protesta ma fallimento (opposto e speculare) nel comprendere e riportare un rilevante fenomeno sociale.

> mais um sucesso meia-boca do sistema de informação italiano. Sucesso em reprimir as aspirações daqueles que escolhem o caminho da resistência, mas falha (sua imagem oposta no espelho) em compreender e relatar um fenômeno social importante.

E por último, Nicola Spinella escreve no Agoravox:

> Il celebre motto "divide et impera" rivela ancora oggi, dopo due millenni, la propria immortalità: è bastato agitare davanti al popolo il fantasma della mafia infiltrata nelle fila degli autotrasportatori, assimilarli a sigle dell'estrema destra, per ridurre la protesta ad un fuoco di paglia. Difficile pronosticare uno scenario futuro per tutta un'Italia scossa dal salasso Monti e da un ventennio di malgoverno berlusconiano.

> A famosa máxima "dividir e governar" revelou hoje, depois de dois milênios, sua atemporalidade: a atenção das pessoas com personagens mafiosos infiltrados entre as filas de caminhoneiros, e associando-os com a extrema-direita foi suficiente para reduzir a manifestação à um flash de trovão. É difícil prever o que o futuro reserva para um país esgotado por Monti e por duas décadas de desgoverno berlusconiano.

O diálogo entre o governo e o movimento parece ter chegado a um impasse, e uma nova onda de manifestações estava prevista para começar na segunda-feira 6 de fevereiro, com manifestações pacíficas em várias cidades sicilianas além de outras. Algumas delas têm sido relatadas, mas parece que a ocupação planejada dos portos e refinarias de petróleo foi adiada. Longas filas em postos de gasolina em Messina foram relatadas no sábado 4 de fevereiro, supostamente em preparação para as greves.

Grécia: Homem de 77 Anos Suicida-se em Público na Praça Sintagma

Toda a Grécia ficou em estado de choque esta manhã com a notícia do suicídio de Dimitris Christoulas, 77 anos, com um tiro na cabeça às 9h, aos olhos dos que passavam na praça Sintagma em Atenas, do outro lado do edifício do Parlamento. Antes de disparar ele gritou que "não queria deixar dívidas aos filhos".
Escrito por Veroniki Krikoni (04/04/2012), traduzido por Sara Moreira.

Toda a Grécia ficou chocada esta manhã, 4 de Abril, com a notícia de Dimitris Christoulas, de 77 anos, que se suicidou com um tiro na cabeça por volta das 9 horas, aos olhos de quem ia a passar na praça Sintagma, em Atenas, do outro lado do edifício do Parlamento.

Tratava-se de um farmacêutico reformado, que vendeu a sua farmácia em 1994. Antes de disparar, gritou que "não queria deixar dívidas aos seus filhos".

Um evento no Facebook convoca um encontro na praça Sintagma ao final do dia de hoje: "Todos em Sintagma. Não vamos habituar-nos à morte".

O autor do Global Voices Asteris Masouras fez uma selecção de artigos e multimédia no Storify.

Poster de um evento no Facebook marcado para esta noite na praça Sintagma que diz: "Não foi um suicídio. Foi um assassinato. NÃO VAMOS HABITUAR-NOS À MORTE."

Na Grécia, o Twitter tem estado em alvoroço todo o dia, com comentários e reacções ao trágico acontecimento:

> @YanniKouts: Suicide of a 77-year old man this morning in Syntagma Sq shocks #Greece. "It's the only way for a dignified end, I can't eat from garbage".

@YanniKouts: Suicídio de um homem de 77 anos esta manhã na praça Sintagma deixa a #grecia em estado de choque. "É a única forma de um final digno, não posso comer do lixo".

O utilizador Arkoudos faz o seu tributo a todos os que têm ficado pelo caminho:

> @arkoudos: Μακάρι να μη φύγεις. Μακάρι να μείνεις, να παλέψεις. Κι άλλο. Μακάρι.Μακάρι να μη ντρέπεσαι. Μακάρι να ντραπούμε, πρώτα, εμείς.

@arkoudos: O meu desejo é que não partissem. Gostaria que ficassem, para lutar. Mais. Gostaria. Gostaria que não se sentissem envergonhados. Espero que venhamos a ser quem se envergonhará primeiro.

A utilizadora Magica sublinha a vergonha que ambos os lados sentem sobre o polémico assunto:

> @magicasland: ειναι ντροπή αυτο που κανει το κράτος στο λαό του. αλλά ειναι και ντροπή να αυτοκτονείς ενω επιβίωσε με πεισμα τόσος κοσμος επι κατοχής

@magicasland: É uma vergonha o que o país faz ao seu povo, mas também é uma vergonha cometer suicídio, enquanto todas estas pessoas obstinadamente sobreviveram durante a ocupação Nazi [da Segunda Guerra Mundial]

A discussão online passou a ser política, para além do seu carácter inquestionavelmente humanitário. O jornalista Aris Chatzistefanou fez o paralelo com o suicídio de Bouazizi na Tunísia:

> @xstefanou: Η Ελλάδα έχει το δικό της Μπουαζίζι. Πρέπει να δείξει αν έχει και λαό ισάξιο της Τυνησίας και της Αιγύπτου η μόνο ψηφοφόρους ΠΑΣΟΚ -ΝΔ-ΛΑΟΣ.

@xstefanou: A Grécia tem o seu próprio Bouazizi. É preciso provar se o seu povo tem tanto valor como o da Tunísia e do Egipto, em vez de medir só os eleitores do PASOK-ND-LAOS. [o PASOK e o ND têm sido os principais partidos políticos na Grécia durante as últimas duas décadas, o LAOS é o partido de direita em ascensão].

O utilizador Elikas procura justiça:

> @Elikas: Κάποια στιγμή πρέπει να δικαστούν και οι ηθικοί αυτουργοί για όλες αυτές τις αυτοκτονίες. Που στην πραγματικότητα είναι δολοφονίες.

@Elikas: Chegará a altura em que os cúmplices irão a tribunal por causa de todos estes suicídios. Na verdade são homicídios.

A utilizadora Sara Firth critica os métodos europeus para o resgate da Grécia:

> @SaraFirth_RT: Europes [sic] methods for 'saving Greece' are now literally killing the Greek people. The syntagma suicide should never have happened #greece

> @SaraFirth_RT: Os métodos europeus para "salvar a Grécia" estão agora literalmente a matar o povo grego. O suicídio de Sintagma nunca deveria ter acontecido #greece

Praça Sintagma em Atenas, Grécia. Imagem de YanniKouts no Flickr
(licença Creative Commons BY-NC-SA 2.0).

O site Athens News reporta sobre uma carta de suicídio encontrada com a vítima, na qual Christoulas alegadamente compara o actual governo grego aos colaboracionistas do tempo da guerra:

> The Tsolakoglou government has annihilated all traces for my survival. And since I cannot find justice, I cannot find another means to react besides putting a decent end [to my life], before I start searching the garbage for food.

> O governo de Tsolakoglou aniquilou todos os vestígios da minha sobrevivência. E já que não consigo encontrar justiça, não consigo encontrar outra forma de reagir que não pôr um final decente [à minha vida], antes que começasse a procurar comida no lixo.

Georgios Tsolakoglou foi um oficial militar grego que se tornou o primeiro primeiro ministro do governo grego colaboracionista durantes a Ocupação do Eixo em 1941-1942. A referência é obviamente uma comparação entre o governo do tempo de guerra e o governo actual de Lucas Papademos.

A utilizadora PenelopeD10, ridicularizando o Presidente da Câmara de Atenas Giorgos Kaminis pela sua decisão de, no verão passado, "limpar" as tendas dos manifestantes na praça Sintagma, porque dava uma má imagem aos turistas em Atenas, diz com ironia:

> @PenelopeD10: Μη βγάλει κι άλλο φιρμάνι ο Καμίνης "απαγορεύονται οι αυτοκτονίες στο κέντρο γιατί βλάπτουν τον τουρισμό"...

> @PenelopeD10: Espero bem que o Kaminis não emita outro decreto "suicídios proibidos no centro [da cidade de Atenas] porque afastam os turistas"...

Muitos também acusaram aqueles que tentaram explorar politicamente e usar a morte de uma pessoa por motivos políticos e para atenderem aos seus próprios interesses:

> @dianalizia: shameless! karatzaferis opportunistically uses man's suicide this morning to criticize corrupt politicians & system (he is a part of)

> @dianalizia: sem vergonha! o oportunista karatzaferis tira partido do suicídio de um homem para criticar o sistema dos políticos corruptos (do qual faz parte)

> @mindstripper: Οι δημοσιογράφοι πανηγυρίζουν, οι πολιτικοί παπαγαλίζουν κι εμείς στις εκλογές θα κάψουμε γι άλλη μία φορά τη χώρα. Καλό ταξίδι στον άνθρωπο

> @mindstripper: O triunfo dos jornalistas, o repeteco dos políticos e nós "queimaremos" este país mais uma vez nas eleições nacionais. Adeus a este homem.

Independentemente da interpretação ou exploração política deste trágico acontecimento, o utilizador Serk01 põe a descoberto uma simples verdade da existência humana:

> @serk01: κανε ενα βήμα 'πισω' και σκέψου τι σημαίνει να αυτοκτονεί ενας ανθρωπος.

> @serk01: Dá um passo atrás e pensa no que significa um ser humano cometer suicídio.

Suíça: Iniciativa Pretende Estabelecer Renda Básica Para Todos

Uma iniciativa para estabelecer uma nova lei federal que daria uma renda básica mensal a todos os cidadãos da Suíça, independentemente de situação profissional, foi apresentada formalmente em abril. Stanislas Jourdan analisa os detalhes da iniciativa.
Escrito por Stanislas Jourdan (05/05/2012), traduzido por Paula Góes.

Uma iniciativa para estabelecer uma nova lei federal, conhecida como "Por uma Renda Básica Incondicional", foi apresentada formalmente na Suíça em abril. A ideia, que consiste basicamente em oferecer uma renda mensal a todos os cidadãos desvinculada de condições trabalhistas ou de benefício social, tem provocado comentários em toda a blogosfera suíça.

O processo de iniciativa popular federal na Suíça é um sistema de democracia direta que permite a cidadãos solicitarem mudanças na legislação em nível federal ou constitucional. Se a iniciativa para introduzir uma renda básica juntar mais de 100 mil assinaturas até 11 de novembro de 2013, a Assembleia Federal será obrigada a analisá-la e poderá convocar um referendo se a iniciativa for considerada crível.

Em seu blog, Pascal Holenweg explica a iniciativa em detalhes:

> L'initiative populaire pour un revenu de base inconditionnel propose d'inscrire dans la constitution fédérale l'instauration d'une allocation universelle versée sans conditions devant permettre à l'ensemble de la population de mener une existence digne et de participer à la vie publique.
>
> La loi règlerait le financement et fixerait le montant de cette allocation (les initiants la situent à 2000-2500 francs par mois, soit, grosso modo, le montant maximum de l'aide sociale actuelle, mais n'inscrivent pas ce montant dans le texte de l'initiative). Le revenu de base est inconditionnel : il n'est subordonné à aucune contre-prestation. Il est universel (tout le monde le touche) et égalitaire (tout le monde touche le même montant). Il est individuel (il est versé aux individus, pas aux ménages).
>
> Il n'est pas un revenu de substitution à un revenu ou un salaire perdu. En revanche, il remplace tous les revenus de substitution (assurance chômage, retraite, allocations familiales, allocations d'étude, rentes invalidité) qui lui sont inférieurs. Comment le financer? Par l'impôt direct sur le revenu et la fortune, par l'impôt indirect sur la consommation (la TVA), par un impôt sur les transactions financières, et surtout par le transfert des ressources consacrées au financement de l'AVS, de l'AI, de l'aide sociale et des autres revenus de substitution inférieurs au montant du revenu de base.

A iniciativa popular "Por uma Renda Básica Incondicional" propõe que "a criação de um benefício universal e incondicional" seja prevista na constituição federal, "permitindo que toda a população possa ter uma existência digna e participar na vida pública".

A lei tratará de financiamento e definirá o valor do benefício (os proponentes sugerem cerca de 2.000-2.500 francos suíços mensais (US$ 2.200-2.700 por mês), aproximadamente o mesmo valor do pagamento máximo do benefício de segurança social vigente, mas isso não está explícito no texto da iniciativa). A renda básica é incondicional: não está sujeita a nenhuma obrigação. É universal (todos vão recebê-la) e igualitária (todos receberão o mesmo valor). Também é pessoal (paga aos indivíduos e não a famílias).

A renda não deve substituir o salário, mas em vez disso, substitui todos os subsídios econômicos inferiores (seguro desemprego, pensões, bônus família, bolsas estudantis, benefício por incapacidade).

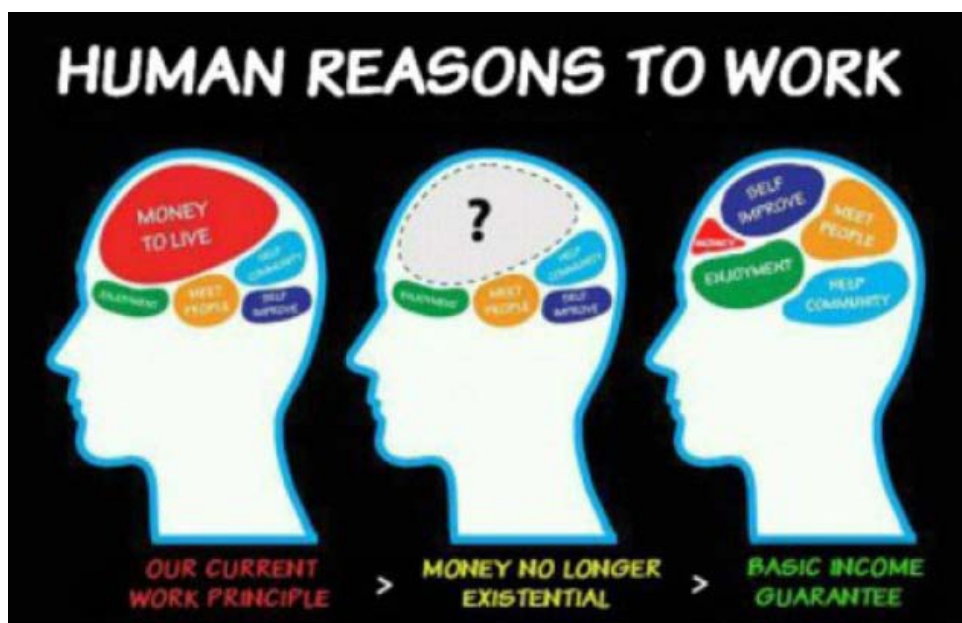
Como será financiada? Através da tributação direta sobre renda e riqueza, da tributação indireta sobre o consumo (ICMS/IVA), da tributação sobre operações financeiras e, principalmente, através da redistribuição de recursos atualmente alocados para financiamento de pensões estatais e pagamentos de seguro desemprego, benefícios de segurança social e bem-estar, e de outros subsídios inferiores ao valor da renda básica.

Francos Suíços, foto de usuário Jim no Flickr (licença Creative Commons BY-NC-SA 2.0).

Em seu blog, Fred Hubleur compartilha um ponto de vista:

> Le truc important, c'est que ce revenu est fixé pour toutes et tous sans qu'il n'y ait de contrepartie de travail ; oui, un revenu sans emploi. Cela peut choquer. Mais dans le fond c'est une idée parfaitement défendable. D'une part, on lutte ainsi contre la pauvreté et la précarité, plus besoins d'aides sociales en complément de revenus autres et des dizaines d'aides différentes et complexes à mettre en œuvre. Ce revenu inconditionnel est également un bon point pour l'innovation et la création. (...) On est aussi dans un nouveau paradigme qui peut effrayer les capitalistes acharnés : libérer l'Homme du travail et lui rendre son statut d'homo sapiens prévalant à celui d'homo travaillus qui a tellement cours dans notre société.

O importante é que esta renda fixa vale para todos sem que haja obrigação de trabalhar, é um direito, é salário sem emprego. Pode parecer chocante. Mas no fundo, é uma ideia totalmente defensável. Por um lado, estamos lutando contra a pobreza e a insegurança, não haverá mais necessidade de benefício social para reforçar o salário, nem dezenas de benefícios diferentes e complexos. Esta renda incondicional é também uma boa notícia para a inovação e criatividade. (...) Há também um novo paradigma que pode assustar os capitalistas selvagens: a libertação do homem de trabalho, devolvendo-lhe a sua condição de homo sapiens acima daquela de homo operarious que predomina em nossa sociedade.

Martouf lista argumentos a favor da renda básica, como ilustrado abaixo:

Razões humanas para trabalhar, por freeworldcharter.org via active rain e adaptado por Martouf para o francês, com permissão para republicar.

Esta nova visão de mundo foi explorada de forma notável no filme suíço-alemão *Renda Básica: Um Ímpeto Cultural*, de Ennon Schmidt e Daniel Hani, dois dos oito cidadãos suíços que começaram a iniciativa:

E o que seria uma renda básica?

No site do IEN_Switzerland, a agência suíça da rede global que clama por uma renda básica, os internautas responderam às seguintes perguntas:

> Voilà, ça y est, vous l'avez. Chaque mois vous recevez 2500 francs sans condition. Dites-nous en quoi votre vie a changé. Dites-nous ce que vous faites de votre temps. A quoi vous consacrez votre vie ?

Então lá vai. Você recebe 2.500 francos suíços por mês sem condições. Diga para a gente como a sua vida mudaria. Conte-nos como você empregaria o seu tempo. A que você dedicaria a sua vida?

As respostas foram variadas. Antoine abriria um restaurante. Gaetane, uma fazenda. Renaud devotaria seu tempo à música:

> Mon premier projet serait de finir et de tenter de produire un instrument de musique que je suis en train de créer. Parallèlement à ça je proposerais des cours d'utilisation de mon instrument de musique préféré et peu connu dans la région

Meu primeiro projeto seria terminar um instrumento musical do qual estou no processo de criação e tentar colocá-lo em produção. Ao mesmo tempo, gostaria de ensinar como tocar o meu instrumento favorito, que não é muito conhecido na região.

O usuário herfou70 daria prioridade à sua família:

> Je suis Père de famille (3 enfants - 6-11-14 ans) et suis le seul salairé de la famille. Disposer d'une revenu de base me permettrait de consacrer plus temps à mes enfants. Mon épouse pourrait également avoir une activité autre que celle qu'elle occupe dans le foyer, ce qui lui permettrait de plus s'épanouir.

Sou pai (3 filhos - 6, 11 e 14 anos) e o único assalariado da família. Ter uma renda básica permitiria que eu dedicasse mais tempo aos meus filhos. Minha esposa também poderia fazer algo além de cuidar de nossa casa, permitindo que ela cresça e se desenvolva.

Afiche de la iniciativa "ingreso básico incondicional".

No Facebook, os defensores da iniciativa renda básica lançaram uma competição chamado "estrela para a vida". Os visitantes do site são convidados a tirar uma fotografia de si mesmos como se eles foram condenados à vida.

Uma renda básica "trará mais prejuízos que vantagens"

Mas nem todos estão convencidos de que a ideia é boa. Segundo Jean Christophe Schwaab, membro da câmara dos deputados da Suíça, os socialistas não devem apoiar a proposta, que segundo ele acredita "trará mais prejuízos que vantagens e será um desastre para os trabalhadores". Ele dá a explicação a seguir em seu blog:

> Les partisans du revenu de base prétendent que ce revenu doit «libérer de l'obligation de gagner sa vie» et entraînerait la disparition des emplois précaires ou mal payés, car, puisque le revenu de base garantit le minimum vital, plus personnes ne voudra de ces emplois. Or, c'est probablement le contraire qui se produirait. Comme ces faibles montants ne suffiront pas à atteindre le premier objectif de l'initiative, à savoir garantir des conditions de vie décentes, leurs bénéficiaires seront obligés de travailler quand même, malgré le revenu de base. La pression d'accepter n'importe quel emploi ne disparaîtra donc pas.

> Os defensores da renda básica alegam que ela vai "libertar as pessoas da obrigação de ganhar a vida" e levar ao desaparecimento do emprego instável ou mal remunerado, porque, como a renda básica garantirá um salário mínimo vital, ninguém vai querer tais empregos. Agora, é mais do que provável que ocorra o efeito oposto. À medida que o baixo nível dos pagamentos não seja suficiente para satisfazer o objetivo principal da iniciativa, ou seja, garantir um padrão de vida decente, os beneficiários serão obrigados a trabalhar de qualquer maneira, apesar da renda básica. A pressão para aceitar qualquer trabalho disponível não acabará.

Ele acrescenta:

> Enfin, le revenu de base inconditionnel aurait pour grave défaut d'exclure définitivement bon nombre de travailleurs du marché du travail (dont on nierait alors le droit au travail): ceux dont on ne jugerait pas la capacité de gain suffisante (p. ex. en raison d'un handicap, de maladie ou de faibles qualifications) n'auraient qu'à se contenter du revenu de base.

> Por fim, uma renda básica incondicional poderia, na pior das hipóteses, excluir permanentemente um bom número de trabalhadores do mercado de trabalho (ao negar-lhes o direito ao trabalho): aqueles que são considerados com potencial de ganho insuficiente (por exemplo, devido à incapacidade, doença ou falta de qualificações) terão que se contentar com a renda básica.

Sua análise é polêmica, como é possível ver na caixa de comentários do post. A partir de uma perspectiva francesa, Jeff Renault explicou porque a esquerda "está contra até a morte" uma renda básica incondicional:

> La gauche de la fin du 19è et du 20è siècle s'est forgée autour de la valeur travail et la défense des travailleurs. Ce combat se retrouve dans la défense persistante du salariat et de son St. Graal, le CDI, alors même que ce "statut" ne concerne plus qu'une minorité de personnes.

A esquerda do final do século 19 e do século 20 foi calcada em cima dos valores trabalhistas e de defesa dos trabalhadores. A luta centra-se em torno da defesa incessante do trabalhador assalariado e do Santo Graal dos contratos permanentes e assalariados, ainda que esse "status" se aplique a apenas uma minoria.

Com o lançamento da iniciativa, Hubleur espera que um grande debate social tenha início na Suíça:

> Ce sera au moins la porte ouverte à un grand débat de société et l'occasion de réfléchir à ce que l'on veut et à quelle vie on aspire. Ce système d'allocation universelle (ou autres noms), ça fait un moment que je le suis, je me souviens qu'on en avait parlé dans des cours sur la précarité et le lien social il y a une dizaine d'années à l'université. Le principe est franchement séduisant et mérite qu'on s'y arrête.
> Quand on voit le monde que nous donne le système capitaliste et productiviste actuel, on peut bien se prendre à rêver d'autre chose, d'un monde laissant plus de chances à chacune et chacun.

Pelo menos, as portas para um grande debate na sociedade serão abertas, trazendo a oportunidade de refletirmos sobre o que queremos e que tipo de vida aspiramos. Tenho acompanhado a ideia de um sistema de benefício universal (com outros nomes) há um tempo. Lembro-me de ter falado sobre isso há uma década na universidade, em uma aula sobre instabilidade e vínculos sociais. A ideia é francamente muito sedutora e merece uma análise mais profunda. Quando olhamos para o mundo criado pelo atual modelo capitalista e produtivista, facilmente ficamos ansiando algo mais, um mundo que dê a todos uma chance melhor.

Europa: Crise Económica Desperta Políticas Anti-Imigração

As eleições presidenciais francesas podem já ter passado, mas o facto do presidente cessante Nicolas Sarkozy ter escolhido a imigração como tema central da sua campanha ainda alimenta amplos debates na web. Muitos internautas questionam se a sua opção de "flirt" com a extrema direita ajudou a amenizar a sua derrota, ou se, pelo contrário, foi um dos motivos pelos quais o seu eleitorado o desertou.
Escrito por Lova Rakotomalala (10/05/2012), traduzido por Sara Moreira.

As eleições presidenciais francesas podem já ter passado, mas o facto de o presidente cessante Nicolas Sarkozy ter escolhido a imigração como tema central da sua campanha ainda alimenta amplos debates na web. Muitos internautas questionam se a sua opção de flirt com a extrema direita ajudou a amenizar a sua derrota, ou se, pelo contrário, foi um dos motivos que terá levado o seu eleitorado a abandoná-lo.

Dado o aparente declínio do apetite dos eleitores europeus por multiculturalismo, apontar a imigração como raiz da crise económica global tem trazido proveitos aos partidos de extrema direita por todo o continente.

Refugiados africanos. Foto de Vito Manzari no Flickr (licença Creative Commons BY 2.0).

Se esta retórica soa familiar, é porque tem afectado o velho continente em tempos de crise de forma cíclica desde há séculos. Valérie, no seu blog 'Crêpe Georgette', fez uma análise cronológica das percepções sobre a imigração em França desde a primeira metade do século XIX até aos dias de hoje:

> S'il est une idée en vogue, c'est bien de penser que les anciennes vagues d'immigration (italiennes, polonaises, espagnoles, belges ...) se sont parfaitement intégrées au contraire des vagues, plus récentes, maghrébines et africaines.
> Les anciennes vagues d'immigrés étaient travailleuses, ne posaient aucun problème et les français les ont d'ailleurs parfaitement acceptées, entend-on souvent.
> Constatons donc que les propos actuels sur les immigrés les plus récents ne sont qu'une répétition d'idées reçues anciennes et qui se sont exercées à l'encontre de toutes les communautés migrantes (qu'elles viennent de province ou de pays étrangers).

Se esta é uma ideia em voga, há que pensar que as anteriores vagas de imigração (italianos, polacos, espanhóis, belgas, ...) estão agora perfeitamente integradas [na sociedade francesa] ao contrário das vagas mais recentes do Magrebe e África.
As antigas vagas de imigrantes eram trabalhadoras, não levantavam problema algum e os franceses aceitavam-nas perfeitamente, ouve-se muitas vezes.
Constatemos então que os comentários actuais sobre os imigrantes mais recentes não são mais do que uma repetição de estereótipos já antigos e que todas as comunidades migrantes já enfrentaram (quer venham da província ou de países estrangeiros).

Valérie fez um paralelo entre as acusações de não integração de imigrantes italianos e espanhóis no passado, e aquelas que hoje apontam o dedo aos imigrantes da Europa de Leste e de África:

> Toutes les populations d'immigrés – mais aussi les populations pauvres de manière générale – sont vues au cours des siècles comme sales, non intégrées, se vautrant dans la luxure et des coutumes exotiques. Ce qu'on entend à l'heure actuelle sur les quartiers « islamisés », « envahis » de femmes en burqa avec 10 enfants n'est que la répétition, comme vous le constatez, de propos tenus sur toutes les vagues d'immigration précédentes. L'italien lui aussi fait une cuisine infâme, trop d'enfants et se vêt d'oripeaux. Le polonais se ridiculise avec son catholicisme particulier et à se tenir debout pendant la messe alors que le bon français est assis.

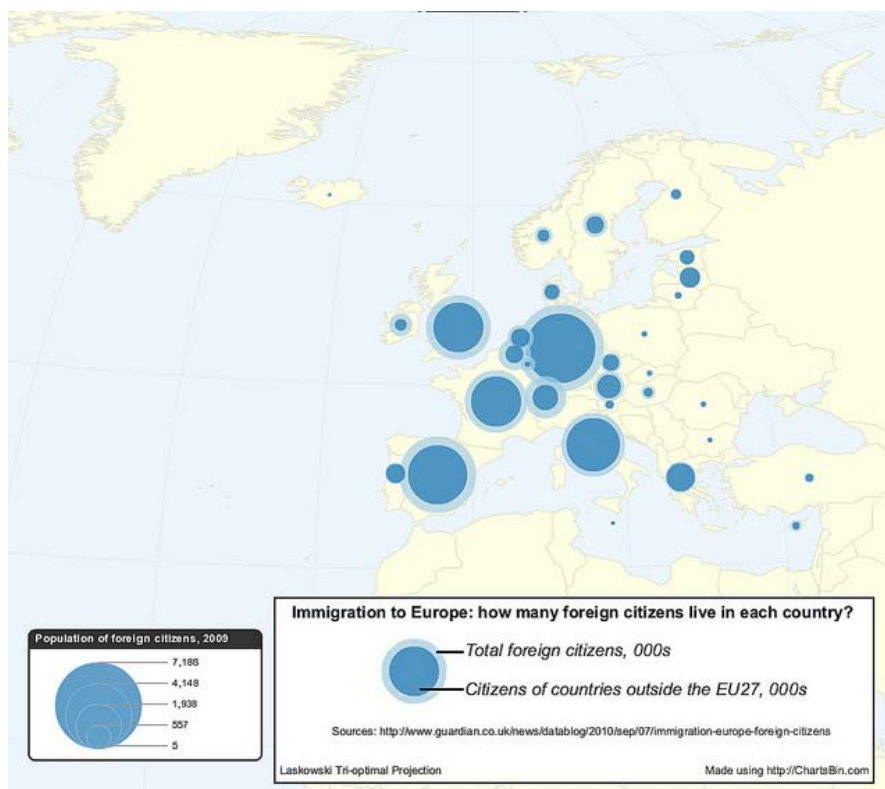
Todas as populações de imigrantes - mas também as comunidades pobres em geral - têm sido vistas ao longo dos séculos como sujas, desintegradas, entregues à luxúria e a costumes exóticos. Como pode observar-se, o que se diz hoje sobre os bairros "islamizados", "invadidos" de mulheres de burca com 10 filhos, é só uma repetição de comentários sobre todas as anteriores vagas de imigração. O imigrante italiano também faz uma comida horrível, tem demasiados filhos e veste-se de trapos. O polaco é ridicularizado pelo seu catolicismo peculiar e por se levantar na missa enquanto que o bom francês fica sentado.

Recessão económica não é a única razão

No entanto, a recessão da economia por si só não explica a atracção por argumentos anti-imigração. Num editorial sobre o futuro do multiculturalismo em França, Julie Owono destaca:

> La razón para la creciente preocupación por el futuro de Europa no está relacionada simplemente con la crisis. A diferencia de lo que algunos políticos se apresuraron a explicar la noche de la primera vuelta [electoral], parece que los franceses que dieron su voto al extremismo no sufren tanto por el flagelo de la inmigración. Analistas [fr] franceses han encontrado que, aunque esto último representa una gran preocupación para el 62 por ciento de los votantes del Frente Nacional, las zonas donde el partido ha recibido un significativo número de votos no tienen una tasa de inmigración particularmente alta.

> A razão para a preocupação crescente sobre o futuro da Europa não está só relacionada com a crise. Ao contrário do que alguns políticos rapidamente explicaram na noite da primeira volta [das eleições], parece que os franceses que deram o seu voto ao extremismo não sofrem assim tanto com o flagelo da imigração. Analistas franceses descobriram que enquanto que a [imigração] representa uma grande preocupação para 62 por cento dos eleitores da Frente Nacional, as áreas a partir das quais o partido tem recebido um número significativo de votos não têm uma taxa de imigração particularmente elevada.

Fenómeno europeu

Estrangeiros na Europa. Imagem de Digital Dreams no Flickr (licença Creative Commons BY).

Os políticos que entoam esta velha canção contra a imigração não se limitam a França. Na Grécia, o partido neo-nazi conhecido como Aurora Dourada está a tirar partido das dificuldades económicas do país e teve uma grande subida nas eleições gerais mais recentes. Na Grã-Bretanha, um comentador que assina com o nome James reagiu ao facto de Cameron, Merkel e Sarkozy declararem a falha do multiculturalismo na Europa:

> She [Merkel] wanted People from richer nations to embrace and train poorer region folk! It hasn't worked, its cost us all billions and its getting more expensive year on year! Would you rather have a farmer from romania working in britain, claiming to be poor and sending all the money home to build a mansion! thats whats happening.

> Ela [Merkel] queria que as Pessoas das nações mais ricas acolhessem e formassem os que vêm de regiões mais pobres! Não funcionou, custou-nos biliões a todos e está a tornar-se mais caro ano após ano! Preferias ter um agricultor da Roménia a trabalhar na Bretanha, com a desculpa de ser pobre e enviando todo o dinheiro para casa para construir uma mansão! é isso que está a acontecer.

Valérie disse que já não está surpreendida com a reciclagem de retórica anti-imigração. Ela sugere algumas leituras no seu blog para alargar o debate:

> Pour combattre les craintes face aux immigrés maghrébins et africains, on gagnerait à lire les textes du 19eme et du début du 20eme pour comprendre comment se fondent ces peurs et comment l'on ne fait que répéter les mêmes idées ayant cours dans les siècles précédents. Conseils de lecture:
>
> - Conseillé par Melle S.: A. SAYAD «L'immigration ou les paradoxes de l'altérité» (1. L'illusion du provisoire et 2. Les enfants illégitimes).
> - Gérard Noiriel, «Le creuset français».
> - Laurent Dornel, «La France hostile. Histoire de la xénophobie en France au XIXe siècle».

> Para enfrentar os medos sobre os imigrantes do Magrebe e de África, ganhar-se-ia com as leituras de textos do século XIX e início do século XX que permitem entender as fundações de tais receios e como os mesmos argumentos estão a ser usados ao longo dos séculos. Leituras recomendadas:
>
> - Sugerido por Melle S.: A. Sayad, *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade* (1. A ilusão da efeméride e 2. Os filhos ilegítimos)
> - Gérard Noiriel, The French Melting-Pot (O Caldeirão Francês)
> - Laurent Dornel, *França Hostil. Uma História da Xennofobia em França no século XIX*

Alemanha: Protestos #Blockupy Contra Austeridade Pan-Europeia

Os protestos Blockupy, contra as medidas de austeridade impostas na Eurozona, abalaram o epicentro financeiro da Europa, Frankfurt, na semana passada. As redes sociais online foram inundadas de reportagens feitas pelos cidadãos sobre as mobilizações que decorreram sob presença e repressão policial desproporcionada.
Escrito e traduzido por Sara Moreira (21/05/2012).

Os protestos Blockupy, contra "o empobrecimento generalizado e a restrição de direitos democráticos que ocorre na Eurozona, como resultado da crise do sistema global", abalaram o epicentro financeiro da Europa, Frankfurt, na semana passada.

Na continuação dos dias de acção global a 12 e 15 de Maio de 2012 (12M e 15M), activistas de vários pontos da Europa tinham sido convocados para convergirem em Frankfurt numa manifestação de solidariedade internacional. O objectivo primordial seria eventualmente fazer um bloqueio ao Banco Central Europeu (BCE) e outras instituições cruciais do capitalismo global. No dia 4 de Maio, no entanto, o Departamento de Ordem Pública do Município de Frankfurt anunciou que todas as acções planeadas seriam consideradas ilegais, excepto a marcha marcada para Sábado, 19 de Maio.

Mesmo assim, milhares de activistas decidiram tomar uma posição contra a proibição e reclamar pelo direito previsto na constituição "de [reunir em] assembleias sem armas, sem [necessidade de] registo prévio ou permissão".

Occupy Frankfurt à frente do BCE. Foto partilhada pela Roarmag.org (copyleft).

Enquanto que a grande mídia não deu muita atenção aos eventos, as redes sociais online eram inundadas de reportagens feitas pelos cidadãos sobre as mobilizações que decorreram sob presença e repressão policial desproporcionada.

No Twitter muitos vídeos e fotos foram partilhados através da hashtag #Blockupy. Pessoas e colectivos de diferentes países, tal como o Occupy Bruxelas e Bélgica, transmitiram em directo os protestos, marchas e assembleias, assim como o programa cultural e diversos debates sobre trabalho, ecologia, economia, entre outros.

Protestar pelo direito de protestar

O Blockupy começou no mesmo dia em que o Presidente francês recém eleito, Hollande, se encontrava com a Chanceler Merkel em Berlim, 16 de Maio. Ao mesmo tempo, em Frankfurt, a polícia cumpria a ordem de despejo da acampada "Occupy Frankfurt" com já mais de sete meses em redor do símbolo do Euro perto das instalações do BCE. O blog Critical Legal Thinking (Pensamento Legal Crítico), que fez uma cobertura aprofundada dos quatro dias de protesto, descreveu a cidade em "Estado de Excepção efectivo".

Polícia intercepta três autocarros de Berlim a caminho de #Frankfurt. Foto de @Blockupy no Twitter.

No feriado do 17 de Maio, enquanto a mídia mainstream apontava os holofotes ao Ministro das Finanças alemão Wolfgang Schäuble - que foi galardoado com o prémio europeu Charlemagne pelo seu papel central na definição das políticas de austeridade principalmente impostas aos países periféricos - autocarros que transportavam activistas de diferentes cidades em direcção à manifestação anti-austeridade no centro de Frankfurt foram impedidos de entrar na cidade e escoltados de regresso à origem pela polícia.

Apesar das tentativas de intimidação, cerca de 2.000 activistas conseguiram ocupar, pelo menos por algumas horas, a praça histórica de Roemerberg onde se encontra a câmara municipal, e símbolo do início da democracia no país.

Manifestantes do Blockupy em acção contra o sistema bancário e financeiro. Foto de Patrick Gerhard Stoesser, copyright Demotix (17/05/2012).

A praça foi depois bloqueada pela polícia de choque:

Manifestantes sentados e de braços fechados em oposição à presença policial. Foto de Patrick Gerhard Soesser, copyright Demotix (17/05/2012).

Ao fim do dia, a polícia de choque esvaziou a praça de forma violenta, como ilustram diversos foto repórteres:

Um manifestante a ser detido pela polícia. Foto de Patrick Gerhard Stoesser, copyright Demotix (17/05/2012).

A detenção de pelo menos 400 protestantes de diferentes nacionalidades despoletou manifestações de solidariedade também fora do país:

Embaixada da Alemanha em Roma. Protesto contra a repressão e detenções em Frankfurt durantes os protestos contra a crise. Cartazes contra o eixo Roma-Berlim, BCE e Merkel. Foto de Simona Granati, copyright Demotix (18/05/2012).

Uma reportagem vídeo pelo utilizador de Youtube sydansalama1, da Finlândia, com entrevistas legendadas em inglês, resume alguns dos acontecimentos do dia:

Tinha sido recomendado aos funcionários de bancos sediados no distrito financeiro de Frankfurt que tirassem folga na sexta feira, 18 de Maio, ou que trabalhassem a partir de casa de forma a evitarem entrar na cidade, já que era o dia em que estava programado o bloqueio. No entanto, como Jerome Ross da Roar Magazine escreveu na noite anterior, a cidade de “Frankfurt [tinha já sido] bloqueada com mais de 5.000 polícias mobilizados numa operação sem igual, para manterem os manifestantes fora da cidade e longe dos bancos”:

> as the activists here prepare to physically block the headquarters of the European Central Bank, the police already seems to have done the job for them.

> enquanto os activistas se preparam para bloquearem fisicamente o Banco Central Europeu, a polícia parece já ter tratado do assunto por eles.

“Eu bloqueio! Tu também?” Foto de ateneinrivolta no Flickr (licença Creative Commons BY-ND 2.0).

Nesse dia, os noticiários reportavam sobre a contratação da Goldman Sachs pelo governo espanhol para a availação do Bankia, absorvido pelo Estado no início de Maio. Também corriam boatos sobre um referendo na Grécia dedicado à sua continuação na Eurozona. Em Frankfurt, liam-se em faixas mensagens de apoio aos países europeus do sul (como "We are all Greeks", Somos Todos Gregos), e a cidade continuava "afectada pela presença policial massiva, pelas identificações, e pelas ruas bloqueadas".

Quando finalmente chegou o dia da marcha autorizada, 19 de Maio, cerca de 20.000 manifestantes (números da polícia, a organização indica mais de 25.000) percorreram o centro da cidade.

Manifestação Blockupy em Frankfurt. Uma grande faixa transportada pelos manifestantes diz: "Resistência Internacional Contra a Austeridade Imposta pela Troika e Governos". Foto de Michele Lapini copyright Demotix (19/05/2012).

Blockupy em Frankfurt: Mais de 20.000 contra a política da crise financeira. Participantes internacionais na manifestação. Foto de Patrick Gerhard Stoesser copyright Demotix (19/05/2012).

Blockupy (19/05/2012). Foto de strassenstriche.net no Flickr (licença Creative Commons BY-NC 2.0).

John Halloway, a escrever para o Guardian, considerou que o Blockupy trouxe "um vislumbre de esperança em tempos de austeridade" e que abriu uma nova fase de "explosões de raiva criativa que se seguirão". O analista de política internacional Vinay Gupta, finaliza:

> Those people in the streets rioting, the protesting classes, are fighting not for internal political change within their own countries, but (whether they know it or not) for a re-arrangement of the political balance of an entire continent.

> Essas pessoas que estão nas ruas em tumulto, as classes protestantes, estão a lutar não por uma mudança política dentro dos seus próprios países, mas (quer saibam quer não) por um rearranjo do equilíbrio político de um continente inteiro.

Acompanha e colabora com as nossas actividades

Para veres as actualizações e notícias mais recentes sobre a Europa em Crise, visite a nossa página de cobertura especial, segue-nos no Twitter @GVEuropeCrisis e/ou subscreve as nossas fontes RSS.

Para comentários, debates e outros recursos, visita a nossa página dedicada no website Global Voices Books.

E por favor espalha a palavra pelo mundo fora: Obrigada! ;)

Para colaborar com o Global Voices em Português ou para mais informação sobre o nosso projecto, visita nosso site e entra em contacto!

Índice de temas

O nosso slogan diz tudo: *Partilhar mídia cidadã para o futuro*. Este projecto aberto, colaborativo e de longo prazo pretende criar um catálogo único focado em conteúdos da mídia cidadã e social, e também cativar internautas interessados em contribuir para uma plataforma multilíngue e inovadora.

Inicialmente serão produzidos e-books com base no enorme arquivo do Global Voices, como um tesouro cultural importante, e depois avançaremos com a missão do Global Voices de disseminar as vozes que normalmente não são ouvidas nos mídia mainstream internacionais.

Estas publicações electrónicas são livres de DRMs, são de download gratuito e distribuídas electronicamente, formatadas para vários dispositivos digitais, desktops e móveis, (PC, smartphone, tablet, kindle, e- readers, apps, etc.), e lançadas sob uma licença Creative Commons.

Com tempo, pretendemos expandir a nossa produção de forma a envolver mais directamente tanto a comunidade alargada do Global Voices como qualquer pessoa no mundo que tenha vontade de contribuir para uma iniciativa inovadora e independente.

Se estás interessado/a, podes juntar-te à nossa mailing list dedicada. Ou podes aprender mais sobre o projecto.

Para qualquer questão, comentário ou sugestão, por favor não hesites em contactar-nos. Muito obrigada!